



UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CAMPUS DE SOBRAL

CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA

JOSÉ ALMIR DE CARVALHO MARTINS

**A CANTORIA NA CIDADE DE SOBRAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS
REPENTISTAS LOCAIS**

SOBRAL

2021

JOSÉ ALMIR DE CARVALHO MARTINS

A CANTORIA NA CIDADE DE SOBRAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS REPENTISTAS
LOCAIS

Monografia apresentada ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal do Ceará,
Campus Sobral, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Música.
Área de concentração: Música.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Denis Melo.
Coorientador: Prof. Dr. José Álvaro Lemos de
Queiroz.

SOBRAL

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M343c Martins, José Almir de Carvalho.
A cantoria na cidade Sobral: uma análise sobre os repentistas locais / José Almir de Carvalho Martins.
– 2021.
94 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Música, Sobral, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Dênis Melo.

Coorientação: Prof. Dr. José Álvaro Lemos de Queiroz.

1. Cantoria. 2. Violeiros. 3. Repentistas de Sobral. I. Título.

CDD 780

JOSÉ ALMIR DE CARVALHO MARTINS

A CANTORIA NA CIDADE DE SOBRAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS REPENTISTAS
LOCAIS

Monografia apresentada ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal do Ceará,
Campus Sobral, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Música.

Aprovado em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Denis Melo (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Álvaro Lemos de Queiroz (Coorientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Simone Santos Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Aldenir Martins e Rosa Coelho.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas da turma 2016.1, que muito contribuíram na partilha dos conhecimentos específicos, especialmente Erasmo Chaves pelas conversas motivadoras nos corredores da UFC, que foram de grande valia, inspirando-me a prosseguir nesta pesquisa.

Aos professores do curso de Música, especialmente Dr. José Álvaro Lemos de Queiroz, Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto e Dra. Simone Santos Sousa, os trarei sempre em minha memória como exemplo de amor e competência dedicados à educação, reafirmando, através de seus ensinamentos, o orgulho pela profissão que decidi seguir.

Ao orientador e amigo, Dr. Francisco Dênis Melo, professor de história da Universidade do Vale do Acaraú, que, gentilmente, aceitou o desafio ao qual lhe designei por afinidade e admiração.

Aos repentistas da cidade de Sobral, especialmente Francisco Antônio Ponte, João Ferreira Barros, Francisco Barbosa de Sousa, Antônio Cavalcante Teixeira e João Batista Duarte, que muito me ajudaram na compreensão da Cantoria em Sobral.

Aos meus irmãos, Elaine Martins, Natanael Martins, Paulo Sergio Martins e Mardônio Martins, faróis que me cercam de luz.

E por fim, a minha companheira, Aurizete Sousa de Assis, por não desistir de mim e segurar a barra nos momentos mais difíceis da graduação, sempre apoiando as minhas decisões e tecendo juntos este sonho que venho engendrando há cinco anos. A todos, minha gratidão.

“Só é cantador quem traz no peito o cheiro e a cor de sua terra, a marca de sangue de seus mortos e a certeza de luta dos seus vivos”.

François Silvestre

RESUMO

O presente trabalho aborda um estudo sobre os repentistas da cidade de Sobral-CE, com o objetivo geral de conhecer esses protagonistas e como desenvolvem a cantoria na cidade. O intuito é o de contribuir, através desta pesquisa, com o cenário dos cantadores locais. A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho consistiu na história de vida realizada no período entre junho e agosto de 2021. Para a elaboração da pesquisa bibliográfica, foram utilizados diversos instrumentos de coletas de dados, como por exemplo: livros, artigos, teses, documentários, monografias, dissertações etc. Para a pesquisa de campo, foi elaborado um questionário para a caracterização dos participantes e um roteiro de perguntas estruturadas para entrevista com os repentistas locais sobre a cantoria na cidade de Sobral. Para a construção desta pesquisa, três autores foram essenciais: a Dra. Elba Braga Ramalho, o Me. Edmilson Ferreira dos Santos e o pesquisador Bráulio Tavares. Esses três pesquisadores do repente trouxeram o embasamento necessário e a inspiração para a escrita da monografia. O estudo evidenciou a dificuldade dos cantadores em manter o fazer artístico repentista na cidade. A situação tornou-se mais crítica devido à pandemia que assolou o país no início de 2020. Em suma, percebe-se que os repentistas estão em menor número se comparado a outros municípios do estado e que não há incidência de novos repentistas emergindo em Sobral.

Palavras-chave: Cantoria. Violeiros. Repentistas de Sobral.

ABSTRACT

This work deals with a study about the repentistas in the city of Sobral-CE, with the general objective of knowing who their protagonists are and how they develop singing in the city. The intention is to contribute through this research with the scenario of local singers. The methodology used to prepare this work consists of the life story, carried out between June and August 2021. Several data collection instruments were used to prepare the bibliographical research, such as: books, articles, theses, documentaries, monographs, dissertations, etc. For the field research, a questionnaire was designed to characterize the participants and a script of structured interview questions about singing in the city of Sobral, with the local repentistas. After the reading, an analysis was made with discussion and text production, as well as a video in documentary format, where the singers produced in verses by the author are presented, together with the five repentistas interviewed and which will be attached to this research. The study highlighted the difficulty of singers in maintaining the sudden artistic activity in the city, the situation becomes more critical due to the pandemic that hit the country in early 2020. However, actions need to be taken to maintain the suddenness in the city of Sobral, in short, it is clear that repentistas are in smaller numbers compared to other municipalities in the state and that there is no incidence of new repentistas emerging in Sobral.

Keywords: Singing. Guitarists. Suddenistas from Sobral.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Viola Dinâmica	11
Figura 02 - Viola Caipira	24
Figura 03 - Viola Repentista (dinâmica)	26
Figura 04 - Viola Repentista (adaptada)	27
Figura 05 - Serra do Teixeira (Princesa) - PB	31
Figura 06 - Geraldo Amâncio	41
Figura 07 - Entrevista com João Tobias	52
Figura 08 - Entrevista com Chico Barbosa (à esquerda) e Antônio Ponte (ao centro)	53
Figura 09 - Entrevista com Antônio Teixeira	55
Figura 10 - Entrevista com João Batista (à esquerda)	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O CANTADOR: ORIGEM E ASPECTOS GERAIS DA CANTORIA	16
2.1	Viola e violão: o instrumento e suas peculiaridades	22
2.2	Por que o Nordeste é a terra de violeiros e repentistas?	28
2.3	Gêneros da cantoria	31
2.3.1	<i>Sextilha</i>	32
2.3.2	<i>Setilha ou Septilha</i>	33
2.3.3	<i>Décimas, mote e glosa</i>	34
2.3.4	<i>A Canção</i>	35
2.3.5	<i>Outros gêneros</i>	36
3	O CEARÁ VIOLEIRO E A SOBRAL MUSICAL	39
3.1	<i>Sobral e sua cultura musical</i>	43
3.2	<i>O lugar da cantoria no cenário musical da cidade</i>	45
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	49
4.1	Tipo de pesquisa	49
4.2	Universo da pesquisa	50
4.3	Participantes do estudo	50
4.4	Instrumento de coleta de dados	51
4.5	APRESENTAÇÃO DE DADOS	52
4.5.1	Contexto das entrevistas com os participantes	52
4.5.2	Panorama das falas dos entrevistados	58
4.6	Análise de dados	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
6	REFERÊNCIAS	74
	APÊNDICES	00

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar a cantoria de viola na cidade de Sobral, situada na região Noroeste do estado do Ceará e a 220 km da capital, com o intuito de conhecer a trajetória dos repentistas locais e de contribuir com o cenário dos cantadores, valorizando-os e documentando individual e coletivamente o fazer poético desses artistas que, através do repente, revelam-se protagonistas responsáveis por manterem viva a cultura da cantoria em Sobral.

Esses artistas, que geralmente tocam em duplas acompanhados de suas violas dinâmicas¹, estão em toda a parte do Nordeste brasileiro, como nos diz Graciele Laís de Jesus de Brito, em sua monografia intitulada “*Cantorias: relações entre cantadores, ouvintes e temáticas*”, afirmando que “a popularidade das cantorias é comum em todos os estados do Nordeste, mas pode se destacar entre estes os estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, nos quais a cantoria é mais forte e presente” (DE BRITO, 2017, p. 13).

Figura 01 - Viola Dinâmica



Fonte: Violas Brasileiras (SONORA BRASIL, 2015).

Segundo Elba Braga Ramalho, em sua tese de doutorado intitulada “*Cantoria Nordestina: Música e Palavra*”, a “cantoria é uma forma de expressão específica do poeta-músico Nordestino” (RAMALHO, 2000, p. 54). Em seu conceito, a autora aponta o repentista como músico e ressalta a região Nordeste como sendo seu berço de origem.

¹ Modelo de instrumento muito utilizado pelos repentistas. Essa viola apresenta vários acessórios que lhe conferem um timbre peculiar. Possui um disco de metal, na parte interna, bem no centro do bojo maior do tampo. A vibração da corda é transmitida para uma peça de madeira circular e desta para um disco de alumínio em forma de cone cuja base está em contato com o disco de madeira. O instrumento se apresenta com várias aberturas em forma de círculo denominadas de bocas ou ressoadores. Quando a viola tem esse sistema, os violeiros a identificam como viola dinâmica. Violas brasileiras: circuito 2015/2016. - Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015. 56p. :il:28,5 cm. - (Sonora Brasil).

Uma das principais características do repente é o improviso, pois o cantador faz instantaneamente seu verso sobre os mais variados temas. Vejamos a citação de Elizabeth Travassos, sustentada por Elba Braga Ramalho em sua tese de doutorado “*Cantoria Nordestina: música e palavra*”:

O gênero poético musical nordestino - ou pelo menos oriundo do Nordeste, uma vez que o gênero se difundiu acompanhando as migrações de nordestinos - que tem sua expressão mais frequente no canto de uma dupla de repentistas que se acompanha à viola, fazendo versos de improviso, conforme uma extensa variedade de modalidades poéticas. Pertencem também ao gênero o canto solo de poesias memorizadas - tenham sido escritas ou não - e sua recitação (TRAVASSOS, 1988, p. 219 *apud* RAMALHO, 2000, p. 54)

O repentista é também um cancionista capaz de compor previamente uma canção, cantá-la solo ou em dupla e poderá musicar ainda a poesia escrita como, por exemplo, o cordel, que se trata de uma literatura oral contendo a mesma estética do repente, porém composta para ser declamada. Em alguns casos, utiliza-se uma música de fundo como adorno, porém a forma que esta se apresenta é quase sempre recitada, salvo quando o repentista decide musicá-la.

Curiosamente, na cidade de Sobral, esses profissionais estão em menor número e, através desta pesquisa, buscaremos compreender: por que a Princesa do Norte² não se apropriou da cultura do repente? Essa arte popular que nasceu no meio rural e adentrou os grandes centros urbanos traz, na maior parte do seu enredo, temas que retratam a vida do homem do campo e sua luta, porém não se limitando apenas a essa temática. O cantador é, antes de tudo, um *historiador do cotidiano*, que passeia por vários temas, um trovador que faz canções e canta seus versos de acordo com a demanda do público.

Observamos que, na cidade de Sobral, o repente não tem tanta visibilidade como em outros municípios do estado, como, por exemplo, nas cidades da região do baixo Jaguaribe, onde os violeiros se fazem presentes nos mercados, praças e residências, levando a força dos seus versos que contagiam a alma dos amantes e curiosos. Transeuntes param para olhar e se rendem à força misteriosa do pinho³, companheiro fiel do cantador que o acompanha nesse

² Em 1773, o povoado de Caiçara foi elevado à condição de vila, agora com o nome de Vila Distinta e Real de Sobral. Segundo o livro "Sobral Solar", "distinta porque não surgiu de aldeamentos indígenas; real porque criada por ordem emanada diretamente de sua majestade. Nasceu orgulhosa a Vila de Sobral, de um orgulho que ao longo de séculos. Transformou-se no sentimento que hoje se diz sobralidade, que fez de meia dúzia de taperas das beiradas do Acaraú a importante Princesa do Norte". (<https://diarionordeste.verdesmares.com.br>. Acesso em 03/08/2021)

³ Pinho subst. masc. 1. madeira de pinheiro. 2. Brasileiríssimo popular Violão, Viola. Houaiss, Antônio, 1915-1999 Minidicionário Houaiss da língua portuguesa/ [Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa]. - 4ed. rev. e aumentada. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 1024 p.

ofício do improviso e da palavra cantada, onde poesia e música se misturam à voz metálica do vate⁴, alcançando cidades, litorais e sertões.

Por este motivo, nasceu a curiosidade de conhecer quem são os repentistas que atuam nessa cidade, qual a estética e relevância do repente para eles. Apresentaremos, nesta pesquisa, uma breve história do repente, dando ênfase a esse fazer artístico-musical na cidade de Sobral.

Segundo Simone Oliveira, na obra “*Memórias da cantoria palavra, performance e público*”:

[...] a cantoria configura-se, em seu fazer, notadamente a partir do poder da palavra e da voz. Sendo arte performática, na troca em presença de vários outros é que se revela como um ritual nas pulsões de corpos, que se animam e se comunicam através de um repertório de sentimentos, imagens e memórias revividas, experimentadas toda vez que um cantor toca no pinho e, soltando sua voz roufenha, transforma palavra em poesia (OLIVEIRA, 2011, p. 31)

A cantoria é o poder da palavra, que nasce na performance. No entanto, é na voz cantada e com a viola em punho que o cantor trará seu mote⁵. Observamos que esse ofício depende de um público e que este alimenta o fazer dessa arte, assim, a cantoria permanece viva na memória de seus adeptos.

Com isso, propomos investigar os cantadores da cidade de Sobral, buscando conhecimento acerca de quem são, como desenvolvem o repente, quais os estilos utilizados e a motivação que os levaram ao mundo da poesia.

Através das gravações e transcrições dos repentistas entrevistados em Sobral, teremos um compêndio de informações desses artistas. A ideia é registrar e manter viva a memória do repente em Sobral, abrir caminhos para as futuras pesquisas no campo etnomusicológico para que este fazer artístico seja preservado e que seu povo saiba que aqui nós temos representatividade no repente.

Para compreendermos o fenômeno da cantoria, é preciso conhecer melhor o contexto histórico. O repente é nossa herança moura que nasce com a invasão da Península

4 Vate s. m pessoa que faz vaticínios; profeta 2 poeta, Houaiss, Antônio, 1915-1999 Minidicionário Houaiss da língua portuguesa/ [Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa]. -4.ed.rev.e aumentada. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 1024 p.

5 Mote s.m 1 estrofe inicial que resume o tema desenvolvido no poema 2 citações tomada como ponto de partida de um capítulo ou de uma obra literária; epígrafe 3 dito satírico 4 assuntos, tema < o m. de uma conversa> Houaiss, Antônio, 1915-1999 Minidicionário Houaiss da língua portuguesa/ [Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa]. -4.ed.rev.e aumentada. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 1024p.

Ibérica e chega ao Brasil através dos portugueses no período da colonização. De acordo com Ramalho (2000, p. 52), “a cantoria Nordestina é, portanto, a cristalização de um desses modelos de tradição ibérica trazida pelo contingente colonizador”.

A cantoria em Sobral, aparentemente, tem sofrido desvalorização. Não é comum ver repentistas atuando na cidade. Infelizmente, constata-se que os espaços geralmente ocupados por estes menestréis - como o mercado, praças, Beco do Cotovelo, entre outros - encontram-se vazios.

Temos, em Sobral, o repentista Antônio Ponte (um dos poetas entrevistados nesta pesquisa), que apresenta, há mais de 40 anos, o programa “Violas e repentos”, diretamente da cidade de Alcântara, através da rádio AM Educadora. O programa ocorre semanalmente, de segunda à sexta-feira, no horário de 16hs às 17hs. Dessa forma, Antônio Pontes resiste através da força que o rádio ainda possui e da qual ele se utiliza para manter viva a cantoria.

Eu entrei na rádio em novembro de setenta e seis, mil novecentos e setenta e seis, onde estou até hoje, vai fazer quarenta anos e eu sempre cantando, sou muito solicitado, devido meu renome, que quer dizer isso? o rádio, o rádio dá muito nome a gente, então eu sou cantador, eu sou radialista e por isso que eu sou muito solicitado até hoje, até hoje eu sou o cantador mais convidado para participar das cantorias devido o programa do rádio. (...) vinha muita carta, cartas de toda região, porque? porque só tinha rádio em Sobral e além de Sobral só ia ter em Crateús e Teresina e Fortaleza era muito distante, e as rádios de Sobral penetravam muito em toda essa região, então eu recebia cartas do Rio Grande do Norte cartas da região do Inhãuns, o povo mandava as cartas pelo correio, e uma admiração é que as cartas, cartas de cantador para o programa todas elas vinham com dinheiro, cantador canta no rádio mas é o povo que paga, as solicitações do povo são pagas, canções, poemas, vaquejadas, motes (DE BRITO, 2017, p. 17-18).

Segundo Antônio Ponte, havia muitos repentistas em Sobral na década de 80 e ele acredita que a internet e os avanços tecnológicos são as principais causas da redução do número de cantadores na cidade. Ele também se refere às entidades governamentais como culpadas pela falta de apoio à cultura. Entendemos que os empecilhos mencionados dificultam na divulgação dessa arte, porém o objetivo principal desta pesquisa é conhecer os cantadores, entrevistá-los individualmente e, através dos dados coletados, compreender como é feita a cantoria na cidade de Sobral.

O domínio do repente exige conhecimento técnico, aprofundado na métrica e nos gêneros utilizados pelos cantadores. Há mais de trinta gêneros criados pelos poetas repentistas e variações na metrificação do verso. Segundo Elba Ramalho:

[...] os heptassílabos abrangem quase todos os gêneros criados pelos poetas-cantadores, tais como a sextilha, a gêmeira, a décima, o dez pés de quadrão, o mourão voltado, O Brasil Caboclo, o mourão você cai, o dez de queixo caído, o Oito pés de quadrão, o Quadrão mineiro, o Quadrão à beira mar, o quadrão trocado, o quadrão dialogado, o quadrão perguntado, o oitavão rebatido, o quadrão de meia

quadra, o rojão pernambucano. Os versos de dez sílabas, decassílabos, comportam os gêneros dos martelos, que compreendem as seguintes variantes: martelo agalopado, martelo alagoano, martelo miudinho, galope a beira mar (LINHARES; BATISTA, 1982, p. 13-39 *apud* RAMALHO, 2000, p. 64).

São muitos os gêneros utilizados na cantoria. Citaremos os mais recorrentes, como é o caso da sextilha, as estrofes de seis versos e a métrica em sete sílabas poéticas. Tendo conhecimento desses variados gêneros, a ideia é identificar quais destes são mais utilizados pelos repentistas de Sobral, quais os temas mais desenvolvidos pelos repentistas locais e, com isso, compreender o fazer artístico sobre o repente na cidade de Sobral.

Os objetivos da pesquisa terão como orientação os seguintes elementos estabelecidos: analisar as trajetórias e as ações dos cantadores para o desenvolvimento do repente na cidade de Sobral; identificar e analisar a produção dos repentistas que atuam na cidade de Sobral; investigar as influências dos discursos e as ações dos repentistas na promoção de aprimoramento e avanços para a cantoria local.

Traremos então a divisão do trabalho, que se inicia com a introdução contextualizando o repente. O capítulo dois tratará do cantador e aspectos gerais da cantoria. Abordaremos tópicos que elucidam o leitor sobre o instrumento e suas peculiaridades, gêneros da cantoria. O capítulo três apresenta o Ceará violeiro, trazendo tópicos que retratam Sobral e sua cultura musical e o lugar da cantoria na cidade.

O quarto capítulo segue tratando das metodologias, o universo da pesquisa, os participantes do estudo, os instrumentos de coletas de dados, a organização, a apresentação e a análise dos dados, bem como o contexto das entrevistas com os participantes, o panorama de suas falas e a análise. Por fim, traremos as considerações finais, concluindo esta pesquisa.

2 O CANTADOR: ORIGEM E ASPECTOS GERAIS DA CANTORIA

Para tratarmos da cantoria, faz-se necessário compreender o *mote* que nos trouxe até aqui. É preciso buscar os trovadores que cantavam na porta dos castelos muito tempo depois da invasão da Península Ibérica e que, através dos portugueses, no período colonial brasileiro, atravessaram os mares para ancorar na recém terra *invadida*, cuja questão histórica, por conta da colonização, deixou poucos registros sobre o que viria a ser a música brasileira. “O problema central para estudo da música brasileira reside, ainda, na precariedade de dados que tratem, com maior profundidade, das especificidades oriundas da colonização” (RAMALHO, 2000, p. 49).

Ainda sobre a colonização, é possível afirmar que nossa sociedade foi forjada com força de trabalho escravo, pois herdamos muito da cultura afro e também das migrações de estrangeiros. Por isso, Ramalho (2000, p. 50) diz que:

As migrações de mão-de-obra africana para a lavoura e de técnicos israelitas especialistas no processo de fabricação de açúcar, além da incorporação de povos de outros países europeus, vieram trazer, como consequência, o desenvolvimento de uma forma peculiar de relações sociais, embasada numa convivência multirracial da qual vai emergindo a cultura brasileira. O tipo de relações que se estabelecem entre colonizador e colonizados, obviamente, teve consequências no campo da arte.

Tais afirmações reforçam a miscigenação de nossa cultura e nos trazem pistas sobre o surgimento da Cantoria no Nordeste. O desafio, um dos principais gêneros da cantoria e que segundo (BASTIDE *apud* RAMALHO, 2000, p. 53) “[...] é o momento de um gênero que encontra-se em quase todas as sociedades dualísticas”, aparece em outros estados Brasileiros, com características próprias, como, por exemplo, nas disputas de violas no interior do Rio Grande do Sul e no interior de São Paulo. O Rap e o Hip Hop, no Rio de Janeiro, são estilos que podem manifestar o desafio, mas diferem da cantoria pois nesta “necessitam dos dois cantadores criando versos de improviso com auxílio da viola obedecendo formas poéticas obrigatórias de acordo com sua própria inspiração ou conforme pedidos dos ouvintes” (TAVARES, 2016, p. 9).

Apenas para citarmos as inúmeras variedades, mesmo em gêneros musicais distintos, há a presença do desafio. Devemos lembrar que entre tantas formas com características próprias em suas estruturas, é no Nordeste onde encontramos a figura do cantador repentista e que, ao longo da história, vai migrando para as grandes cidades por conta do êxodo rural. Mas o que é o cantador?

É o descendente do Aedo da Grécia, do rapsodo ambulante dos Helenos, do Gleeman anglo-saxão, [...] das ruínas da Finlândia, dos bardos armoricanos, dos escaldos da

Escandinávia, dos menestréis, trovadores, mestres cantadores da idade média (CASCUDO, 1984 *apud* DE BRITO, 2017, p. 11).

Há diferenças entre cantador, repentista, violeiro, assim como também existem diferenças entre desafio, improviso, cantoria e canção. Esses assuntos serão abordados no decorrer desta monografia. Além disso, agora nos atentaremos à pergunta: onde exatamente nasceu o repente que se manifesta principalmente nos estados do Nordeste Brasileiro? Vejamos o que diz o repentista Aldeci Bessa, de Limoeiro do Norte-CE.

É isso...a cantoria, ela veio, ela veio, para o Nordeste é..., entrou pela serra do Teixeira na Paraíba, né? Isso nos anos de 40,35, mas a prática havia em Portugal, na França, não como cantoria, mas como cordel, né? Lá já tinha o cordel há muito tempo e depois a cantoria chegou ao Nordeste e que veio evoluir mesmo e ganhar todo esse espaço, através dos poetas Nordestinos... (ALDECI BESSA, 36 anos, entrevista informal em 21/02/2020).

Observamos, na fala do repentista Aldeci, que os dados se assemelham quando comparados a outros pesquisadores que afirmam a mesma narrativa, como o poeta Bráulio Tavares, no documentário *Poetas do repente*, referindo-se à Serra do Teixeira na Paraíba como o berço do repente.

Os cantadores que criaram o repente são mais ou menos esses poetas: Germano da Lagoa, Ugolino, Nicandro Nunes da Costa, Silvano Pirauá, Romano do Teixeira e tantos outros. Essa geração de meados do século XIX, esses são importantíssimos, que são os pais fundadores da cantoria (POETAS DO REPENTE. Pedro Torres Filho. **YouTube**. Primeira parte de três episódios, 29 de Fevereiro de 2016. 1:43:33s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NCRLFOWQHk&t=487s>>. Acesso em: 25 abr. 2021).

Para concluirmos acerca da origem do repente no Nordeste, vejamos a narrativa do mestre repentista do Piauí, Edmilson Ferreira, que, além de cantador, é pesquisador da própria arte e nos traz esse compêndio de informações valiosas sobre a origem da cantoria e seus diletantes:

Não há uma estatística precisa acerca do quantitativo de repentistas no Brasil nem mesmo na região Nordeste, onde há predominância desses artistas. O que se tem são registros de muitos nomes e histórias desses artistas populares. De acordo com Silva (2011, p. 75), foi no interior da Paraíba, com Agostinho Nunes da Costa, “que vimos nascer uma poética oral que encanta e enobrece até hoje a poesia e a cultura popular nordestina.” Apesar das reiteradas menções à região do Teixeira-PB como nascedouro da arte do repente conforme é conhecida e reconhecida atualmente, o mesmo autor lembra que Agostinho Nunes (1797/1858) é filho de Santa Luzia do Sabugi-PB, e os seus filhos Ugolino (1829/1918) e Nicandro Nunes da Costa (1832/1895) também. Teixeira teria sido um polo de maior concentração da atuação desses repentistas e de tantos outros a partir da primeira metade do século XIX (SANTOS, 2019, p. 70).

Nos escritos históricos, o estado da Paraíba surge na persona de Agostinho Nunes como o indivíduo que deu origem ao repente e o disseminou pelos outros estados do Nordeste, uma teoria intrigante que Santos (2019, p. 70-71) refuta ao afirmar que:

Agostinho Nunes deixou um grande legado por ter sido o primeiro a ser registrado pelos historiadores que pesquisaram essa temática. Contudo, é praticamente impossível que tenha sido o primeiro repentista nordestino. Basta considerar que há, no mínimo, duas grandes influências para o surgimento da cantoria de *repente* no Brasil: a europeia e a africana. A influência europeia teria sido trazida pelos colonizadores, já no século XVI; e a africana, como regime de escravidão que importou mão de obra forçada e ainda ganhou um valoroso legado cultural (SANTOS, 2019, p. 70-71).

Agora que concluímos a reflexão sobre a gênese da cantoria no Nordeste, falaremos sobre os aspectos gerais deste fazer artístico e traremos uma lupa para as principais definições. Primeiramente, o que é cantoria de Viola? Vejamos a definição do poeta e pesquisador Bráulio Tavares:

Espectáculo em que dois poetas se enfrentam improvisando versos ao som da viola, dentro de formas poéticas tradicionais e obrigatórias, de acordo com sua própria inspiração e com os pedidos da plateia (TAVARES, 2016, p. 9).

Evidentemente, a cantoria não se resume apenas a essa definição, visto que, para acontecer o espetáculo, é necessário, além do público, apologistas (organizadores) que fazem a divulgação do evento com local, data, hora marcada e que poderá ser feita em um ambiente fechado com venda de ingressos ou em locais abertos.

Há também a cantoria denominada *Pé de Parede*, que leva esse nome porque geralmente os cantadores ficam em bares sentados próximos à parede dos estabelecimentos em que são colocados um prato no centro com a finalidade de arrecadar dinheiro para a dupla. Além disso, podemos mencionar os grandes festivais com troféus e premiações em dinheiro. São muitos os formatos em que a cantoria está inserida, dependendo do contexto, região, público, bem como sabemos que hoje ela está nos grandes palcos, seja de teatro, de festivais ou até nas redes sociais, mantendo-se viva para todos os que apreciam o improviso.

Salientamos que o público de cantoria participa desses eventos com total atenção a partir de uma experiência de apreciação, e o máximo de interação que ocorre é o pedido da plateia para que os cantadores discorram sobre um mote ou cantem uma canção. O poeta e pesquisador Bráulio Tavares ainda afirma que:

A cantoria é um espetáculo estético, como uma peça de teatro ou um recital literário; mas é também um jogo, uma disputa entre dois jogadores que tentam suplantar uma ao outro. É um duelo de habilidades (TAVARES, 2016, p. 12).

Dentro da estética da cantoria de viola está a figura do Cantador, que também é chamado de Repentista ou Violeiro. É importante ressaltar a diferença: o violeiro, por exemplo, pode ser a denominação do instrumentista, aquele que toca a viola. O artista popular Almir Sater, que é um cantor, é violeiro, mas não é um repentista. O repentista é aquele que faz versos de improviso. Nesse aspecto, temos em Tavares (2016, p. 19) que “todo violeiro nordestino é repentista, mas nem todo repentista é violeiro. Existem, por exemplo os emboladores de coco ou coquistas (...) que também improvisam repentes, mas cantam acompanhados de pandeiros”.

Uma vez que descrevemos a diferença entre cantador, violeiro e repentista, abordaremos agora sobre o desafio, o improviso e a canção. O desafio é um estilo improvisado que ocorre na cantoria e sua principal característica é o duelo entre dois cantadores que mensuram todo seu potencial e seu conhecimento diante de uma plateia atenta, que escolhe um lado para torcer e, assim, aclamar o melhor cantador. Geralmente é escolhido um gênero, seja *ele sextilhas, quadrão perguntado, galope a beira mar*⁶. Dependendo do formato da cantoria, o gênero pode ser escolhido pela plateia e, se for em festivais, é a comissão organizadora que define o tema. Uma curiosidade sobre os gêneros é que eles são variados tanto em forma métrica, como na forma melódica, como afirma Tavares (2016, p. 29):

Os chamados “estilos ou “gêneros” de cantoria são as formas fixas, obrigatórias, dentro das quais os violeiros improvisam seus versos. Essas formas variam em relação ao número de sílabas em cada verso, ao número de versos em cada estrofe, à presença ou não de um refrão ou estribilho, e à melodia utilizada. Alguns estilos têm uma melodia única, quase invariável, como é o caso do Brasil Caboclo. Outros como sextilha ou a décima, podem ser cantados com um enorme número de melodias ou toadas.

O improviso é a base principal da cantoria, pois o cantador produz o verso instantaneamente, buscando, na rapidez do pensamento, a métrica, a rima e a oração para que a voz libere, enfim, todo seu raciocínio, tendo nos braços a viola, adornando a melodia do seu repente:

O verso improvisado é a essência da cantoria. Ele distingue a cantoria de todas as outras formas de poesia popular, inclusive a literatura de cordel. O improviso ou repente é o momento mágico da cantoria: o momento em que temos a certeza de que vimos alguma coisa não planejada surgir do nada e acontecer à nossa frente (TAVARES, 2016, p. 13).

⁶ Ver 2.3 gêneros da cantoria.

Para encerrarmos e darmos continuidade ao assunto da cantoria na cidade de Sobral, falaremos agora sobre o gênero Canção, muito presente na cantoria, sendo o momento em que a dupla canta algo que foi previamente composto por eles, como pode ser também um poema escrito em cordel musicado por outro cantador ou até mesmo uma composição de outras duplas. Canções para datas comemorativas, como dia das mães, dos pais, entidades religiosas, figuras famosas como Lampião, Padre Cícero, são muito comuns nas canções, como também cordéis compostos para esses personagens.

O gênero da canção na cantoria difere do mesmo utilizado pelos compositores da chamada música popular como, por exemplo, ao usar apenas a viola para moldar a melodia e a rigidez da métrica e do gênero a ser utilizado na composição da canção. Nesse sentido, segundo Tavares (2016, p. 22), “o cantador não é um cantor. Cantor é quem canta versos alheios”. Cantador no sentido épico do termo é quem cria o que canta”. Inclusive, alguns cantores, como o pernambucano Alceu Valença⁷, em sua composição *Espelho cristalino*, no álbum de mesmo nome, traz estrofes que remetem à estética da cantoria, bem como o paraibano Zé Ramalho⁸, em *Canção agalopada*, em que cada estrofe possui dez linhas, uma referência direta às décimas dos cantadores.

Zeca Baleiro⁹, compositor maranhense, traz elementos melódicos na canção *Heavy metal do senhor*, em que a melodia faz uso de referências utilizadas no repente. Porém, todos esses compositores citados não são cantadores:

É importante essa ressalva porque não são poucas as vezes em que a palavra “cantador” é empregada sem nitidez, inclusive na imprensa. Se é lícito chamar Zé Ramalho de cantador, pela persona poética que encarna e pela força dos seus versos, não é correto imaginar que ele o é no mesmo sentido que Ivanildo¹⁰ Vila Nova ou Oliveira de Panelas¹¹. Já ouvi pessoas, anos atrás, querendo convidar para uma

⁷ Alceu Valença (1946) é um cantor, compositor e cineasta brasileiro. Surgiu como expoente da geração da música nordestina nos anos 70 e foi um dos primeiros a promover a união do som do agreste nordestino com a guitarra elétrica. (https://www.ebiografia.com/alceu_valenca. Acesso em 03/08/2021 às 17:43hs)

⁸ Zé Ramalho (1949) é um cantor e compositor brasileiro, uma das grandes vozes da geração nordestina dos anos 70. (https://www.ebiografia.com/ze_ramalho. Acesso em 03/08/2021 as 17:47).

⁹ José de Ribamar Coelho Santos, "Zeca Baleiro" (Arari, Maranhão, 1966). Compositor, instrumentista e produtor musical. Sua relação com a música começa em casa, nas festas folclóricas e na farmácia de seu pai, palco de artistas itinerantes. Aprende a tocar violão na adolescência. (<https://enciclopedia.itaucultural.org.br>. Acesso em 03/08/2021 as 17:52).

¹⁰ Ivanildo Vila Nova nasceu em Caruaru, em 13 de outubro de 1945. Considerado um dos maiores repentistas em atividade, Ivanildo Vila Nova chegou a ser eleito pelos seus pares como o “Cantador do Século XX”. Com mais de 50 anos de carreira, Vila Nova foi uns dos principais personagens na profissionalização do repente. Pernambucano, é conhecido por muitos como o maior cantador da atualidade. Já levou a cantoria nordestina para todos os cantos do Brasil e continua sendo figura constante nos festivais. Profissional da cantoria desde 1963, Ivanildo tem participação em mais de 500 congressos, noitadas e torneios de cantadores. (<https://funesc.pb.gov.br/espaco-cultura>)

¹¹ Oliveira Francisco de Melo nasceu no município de Panelas, Pernambuco, em 1946. Ironicamente, o emérito poeta não chegou a terminar a quarta-série. Mas teve um grande professor, que lhe ensinou a arte do repente e o domínio da língua portuguesa. (<http://www.acervoorigens.com/2011/05/oliveira-de-panellas-o-perguntador.html>)

cantoria uma dupla de cantadores formada por Elomar¹² e Otacílio Batista¹³. Apesar do bom gosto, essa pessoa claramente não percebia que esses dois artistas, apesar de merecendo, cada um, o epíteto de “cantador”, trabalhavam em áreas totalmente distintas, e cada um era incapaz de fazer o que o outro fazia (TAVARES, 2016, p. 24-25).

Geralmente os temas abordados nas canções são dramas amorosos ou mesmo histórias tristes e reais, mitos e também pode haver criações do imaginário do poeta. Podemos citar aqui a famosa canção do poeta Eliseu Ventania¹⁴, “serenata da montanha”, que retrata uma história romântica descrevendo o encontro e a paixão do personagem por uma índia e, ao fim da canção, descobrimos que o personagem principal estava apenas sonhando. Segue um trecho da canção:

Eu sonhei quando dormi
 No mesmo sonho eu ouvi
 Uma voz dizendo vá
 Enfrentar as verdes matas
 Fazer uma serenata
 Nas montanhas do Pará

Eu peguei meu instrumento
 Quando cheguei bem no centro
 Afinei meu violão
 Por estar em terra estranha
 Pedi licença a montanha
 E cantei uma canção...

¹² Elomar Figueira Melo, Vitória da Conquista, BA, 21 de dezembro de 1937, é um compositor, escritor violonista e cantor Brasileiro, as canções de Elomar já foram regravadas e interpretadas por diversos músicos, tais como Raimundo Fagner, Elba Ramalho, Xangai, além de influenciar cantores como Caetano Veloso. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Elomar>)

¹³ Otacílio Batista foi um dos grandes poetas populares brasileiros. O mais novo dos três famosos irmãos Batista (além dele, Louro e Dimas), Otacílio nasceu no 26 de setembro de 1923, na Vila Umburanas, na região do Pajeú das Flores, hoje município de Itapetim/PE. Radicado em João Pessoa, onde morreu no dia 05 de agosto de 2003, Otacílio Batista ficou conhecido nacionalmente pelos seus versos impressionantes - sempre feitos de improviso - e pelas inúmeras letras que compôs para vários intérpretes na Música Popular Brasileira. Ele também era conhecido como “A Voz do Uirapuru” e fez dupla com nomes lendários, como Pinto do Monteiro, Dimas, Batista, Lourival Batista, Diniz Vitorino, Oliveira de Panelas, Daudeth Bandeira, Pedro Bandeira, entre outros. ([https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno cultura](https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno%20cultura))

¹⁴ Elizeu Elias da Silva (Elizeu Ventania), nasceu em Martins-RN, aos 20 de julho de 1924 e faleceu em outubro de 1998, é filho de Eustáquio Rodrigues da Silva e de Maria Raimunda da Conceição, começou a trilhar o caminho da poesia em 1942. Participou de vários Festivais de Viroleiros em todo o Nordeste, chegou a gravar dois LPs de canções de sua autoria, além de um LP com vários estilos de cantoria improvisada. Mais de cem mil fitas K7s rodam pelo Nordeste inteiro com suas canções. Elizeu foi uma das maiores expressões da cultura do homem do campo em todo o Nordeste brasileiro. (<https://www.omossoroense.com.br/elizeu-ventania/>)

A canção pode ser composta em vários gêneros. Teremos um capítulo mais à frente para tratar desse assunto, porém, os mais comuns são as sextilhas, septilhas, ou décima, ficando a critério do cantador a forma com que ele irá compor. Portanto, a canção não está presa a uma regra específica, porém deve obedecer a um gênero.

Segundo conversa informal com o poeta piauiense Edmilson Ferreira, o primeiro mestre cantador a dissertar sobre cantoria, autor da obra *A poética da cantoria na contemporaneidade*, ele afirmou que Eliseu Ventania teve a ideia de compor canções em um período em que a cantoria era muito extensa, provavelmente eram adaptações do cordel, como o *Romance do Pavão Misterioso*, de José Melquiades Ferreira, e *A chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco.

Esses textos adaptados para a cantoria eram enormes, daí a ideia de Eliseu em compor canções curtas que fossem possíveis de se executar no rádio entre três a cinco minutos. Tal façanha impulsionou a canção para outro nível, passando esse gênero a ser tão popular na cantoria que as duplas gravariam registros em CD apenas de canções, continuando e evoluindo de tal forma que passaram a ser registradas em formatos mais ousados, com banda e arregimentações como a famosa dupla de cantadores os Nonatos¹⁵, que teve suas canções regravaadas por diversas bandas de forró, a ponto de a própria dupla abandonar a cantoria e se lançar no mercado musical como intérpretes. Todavia, esse é um outro assunto que não cabe nesta pesquisa, sendo apenas uma informação para compreensão do gênero canção citado (SANTOS, 2020, informação verbal).

2.1 Viola e violão: O instrumento e suas peculiaridades

É comum os violeiros usarem a viola de dez cordas com afinação repentista, mas o uso do violão é bastante recorrente no universo da cantoria, sofrendo adaptações que serão relatadas nesta seção, elucidando dúvidas que o leitor possa ter em relação aos instrumentos utilizados pelos cantadores.

Começaremos tratando da disposição das cordas em ambos os instrumentos. O violão possui comumente seis cordas que podem ser equipadas com nylon ou aço a depender da construção e para qual tipo de cordas este será aparelhado. Sua dinâmica e afinação geralmente obedecem a um padrão, mesmo que alguns violonistas utilizem sua própria forma de afiná-los. Temos ainda os violões de sete, oito e dez cordas, não tão comuns, e o violão de

¹⁵ Os Nonatos foram uma dupla de repentistas populares brasileiros: Nonato Neto (Cachoeira dos índios, Paraíba) e Nonato Costa (Santana do Acaraú, Ceará) mais de trinta e cinco bandas já interpretaram os Nonatos, a exemplo de Mastruz com leite, Wesley Safadão, Aviões do forró, dentre outras. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Nonatos)

doze cordas. Uma curiosidade relevante sobre o violão é que ele é chamado dessa forma somente no Brasil, uma nomenclatura regional, pois, até em Portugal, é conhecido como Guitarra, assim afirma Scarduelli em seu artigo O violão popular Brasileiro: procurando possíveis definições, (2017, p. 2):

Para estudar o histórico do instrumento no país devemos considerar o fato de que este só é assim chamado, violão, no Brasil. Não se trata de uma nomenclatura da língua portuguesa como um todo, mas uma nomenclatura regional, visto que em Portugal, ainda hoje, o termo aplicado ao instrumento é guitarra e algumas vezes viola. No Brasil, o vocábulo *guitarra* se aplica mais comumente à guitarra elétrica e o vocábulo *viola* tanto à viola caipira quanto à viola de “orquestra”, o alto da família de cordas friccionadas. Portanto, as particularidades que unem o violão e o Brasil são inúmeras, a começar pelo nome atribuído ao instrumento (SCARDUELLI, 2017, p. 2).

Observamos que, no Brasil, o violão é, muitas vezes, chamado carinhosamente de viola, mas suas características são diferentes, desde o timbre à disposição das cordas e *tocabilidade*. Ainda sobre a definição do violão, vejamos o que diz Tarboada (2004, p. 11 *apud* SCARDUELLI, 2017, p. 3):

O violão foi introduzido no Brasil no século XVI pelos portugueses com o nome de viola ou viola de arame. O instrumento tinha, então, três cordas duplas e a prima simples. No século seguinte, iria ganhar mais uma ordem de cordas e, na segunda metade dos anos de setecentos, ainda mais outra. Transformou-se assim num instrumento de seis cordas duplas, que se tornaram simples. Isso exigiu um aumento de tamanho para compensar o menor volume de som. Tornou-se, assim, viola grande. Ou *violão*. (TABOADA, 2004, p. 11)

Compreendemos, assim, que o violão é um parente bem próximo da viola, pois ambos são cordofones¹⁶ de cordas dedilhadas, mas com características bem distintas. A viola, por sua vez, apresenta-se em diversos formatos, tamanhos e aplicações. Trataremos agora sobre alguns tipos de violas, que são muito difundidas no Brasil, mas lembrando que esses instrumentos estão presentes no país desde os tempos coloniais:

Apesar de bastante citadas na documentação deste período, não sabemos ao certo a quais tipos de viola os autores se referiam, pois, o instrumento não era descrito em seus pormenores. Da mesma maneira, relatos de viajantes do século 19 pelo Brasil citam a viola, mas sem precisar detalhes do instrumento de modo a permitir uma identificação, mesmo que precária (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 10).

16 Cordofones são instrumentos capazes de emitir alturas através de diversos mecanismos como o pinçar, a fricção, e até a ação percussiva, a partir de um corpo elástico, ou seja, uma corda. O violão, o cravo, a guitarra elétrica, o contrabaixo elétrico, a harpa estão em proximidade quanto ao timbre, mesmo um deles possuindo teclas. Todos eles são instrumentos cordofones pinçados. (<https://souzalima.com.br/blog/o-que-sao-cordofones-para-organologia/>)

Vale ressaltar que embora não se encontre documentos com descrições exatas da viola nesse período, provavelmente ela foi utilizada por ser um instrumento que permite o acompanhamento para o canto, já que o violão só foi difundido no Brasil a partir do século 19:

Não encontramos referências descritivas dos instrumentos designados por “viola”, é frequente verificar a sua presença como instrumento acompanhador de cantos sacros e profanos. Tal fato nos sugere fortemente a ocorrência das violas de cordas dedilhadas, pois estas permitem a construção de acordes para o acompanhamento (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 12).

Ainda sobre a difusão da viola no período colonial, é possível afirmar que “este instrumento era de fácil transporte e manuseio se comparados a harpa e o cravo, que também eram utilizados no período colonial, mas que perdiam no aspecto da praticidade” (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 12).

Devido a uma quantidade considerável de violas, faremos uma explanação das que são utilizadas pelos repentistas, no caso, a caipira, a dinâmica e o violão. Nosso foco, nesta pesquisa, vai ao encontro de que “o que ocorre é que a palavra viola por si só se refere a vários tipos de instrumentos, desde os cordofones de cordas dedilhadas até os de cordas friccionadas, (exemplo, a viola de arco) dificultando um maior entendimento de qual instrumento os autores estão se referindo” (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 11). Na catalogação deste instrumento, ainda é possível afirmar que:

O fato desta variedade de instrumentos, diferentes em estruturas, detalhes e inserção cultural, ser designada genericamente por viola gera confusões e dificulta o trabalho de classificação. É um conjunto que não fecha nunca, pelo dinamismo próprio da cultura. No entanto, buscar certa ordem traz benefícios para se ter maior precisão na identificação de cada um dos instrumentos e se compreender melhor suas particularidades (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 19).

Figura 02 - Viola caipira



Fonte: Arquivo pessoal

Em seguida, apresentaremos os tipos de violas, a partir de ilustrações, para reforçar o entendimento. Começaremos pela Viola Caipira, “instrumento encontrado na região de influência histórica paulista, a região caipira do Brasil que, na delimitação do sociólogo Antônio Cândido, abrange uma grande área” (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 19).

Na verdade, o caipira é de origem paulista. É produto da transformação do aventureiro seminômade em agricultor precário, na onda dos movimentos de penetração bandeirante que acabaram no século 18 e definiram uma extensa área: São Paulo, parte de Minas Gerais e do Paraná, de Goiás e de Mato Grosso, com área afim do Rio de Janeiro rural e do Espírito Santo. Foi o que restou de mais típico daquilo que um historiador grandiloquente, mas expressivo chamou de “Paulistânea (VIOLAS BRASILEIRAS *apud* ANTÔNIO CÂNDIDO, texto O mundo caipira, 2015, p. 19).

A viola caipira é composta por dez cordas metálicas e pode ser usada pelo repentista, porém, para o uso do cantador, é feita uma adaptação na qual ele usa apenas sete cordas. Veremos mais à frente como se dá essa modificação. Em relação à viola caipira:

A viola caipira possui cinco ordens de cordas metálicas, sendo dois pares de cordas lisas de aço, afinadas em uníssono, e três pares de cordas afinadas em oitavas, ou seja, três bordões encapados com espiras de zinco ou bronze acompanhados cada um por uma corda lisa de aço em intervalos de oitava (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 19).

Nesse tipo de viola, são utilizadas inúmeras afinações, como a natural¹⁷, a boiadeira¹⁸, a rio-abaixo¹⁹, dentre outras. É um instrumento fundamental em festas tradicionais, como Folia de Reis, Folia do Divino, Catira ou Cateretê, Cururu, Dança de Santa Cruz, Fandango, Lundu, dentre outras. Um fato curioso é que alguns violeiros mantêm, dentro do bojo de seu instrumento, um chocalho de cobra cascavel para espantar mandingas e mau-olhado.

17 Lá₂-Lá₁, Ré₃-Ré₂, Sol₃-Sol₂, Si₂-Si₂, Mi₃-Mi₃ (CORREA, 2000, p. 32-40 *apud* VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 20).

18 Sol₂-Sol₁, Ré₃-Ré₂, Fá₃-F₂, Lá₂-Lá₂, Ré₃-Ré₃ (CORREA, 2000, p. 32-40 *apud* VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 20).

19 Sol₂-Sol₁, Ré₃-Ré₂, Sol₃-Sol₂, Si₂-Si₂, Ré₃-Ré₃, (CORREA, 2000, p. 32-40 *apud* VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 20).

Figura 03- Viola Repentista (dinâmica)



Fonte: Arquivo Pessoal

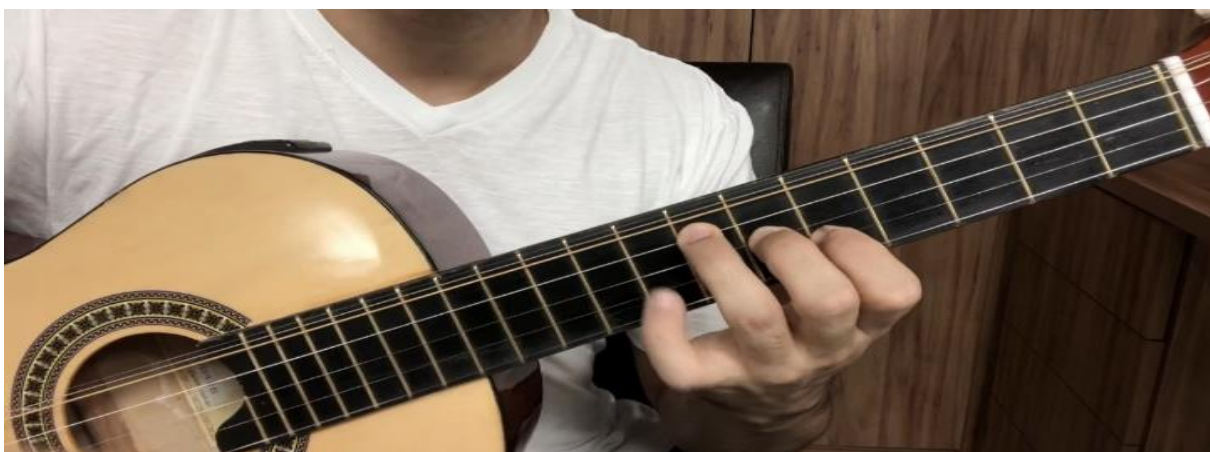
Viola Repentista (ou de Cantoria), também conhecida por viola dinâmica, apesar de ser fabricada para receber dez cordas, sofre modificações para atender aos cantadores e possui outros aparatos, como bocas e um ressoador. Essa viola é fabricada industrialmente pela empresa Delvecchio²⁰, na cidade de São Paulo, muito popular entre os repentistas. Atualmente, existem *luthiers*²¹ que fabricam, sob encomenda, violas nesse formato para atender à demanda de cantadores do país.

No Nordeste, a viola de cordas dedilhadas, usadas pelos cantadores de repente, denominada viola de cantoria ou viola repentista, apresenta-se com sete cordas distribuídas em cinco ordens de cordas metálicas, sendo a quinta ordem tripla e as demais singelas (simples). Essa ordem tripla apresenta três cordas de calibragem diferentes, a saber: um bordão com corda encapada, a oitava do bordão, também com corda encapada, e a oitava da oitava do bordão, sendo esta, uma corda lisa de aço (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 25).

Para ilustrarmos uma melhor noção da disposição das cordas em uma afinação repentista, tomaremos por base o violão. São seis cordas, contadas de baixo para cima, com o instrumento apoiado na perna do instrumentista: Mi, Si, Sol, Ré, Lá e Mi. Na viola, tanto caipira como dinâmica, utilizam-se apenas sete cordas, sendo as quatro primeiras contadas de baixo para cima, afinadas em Mi, Si, Sol, Ré, e as três últimas cordas seriam afinadas em Lá, porém todas três em diâmetros diferentes.

²⁰ Ângelo Del Vecchio foi inventor de uma série de modelos de violões que foram patenteados, dentre os quais se destaca o “Violão Dinâmico” que é fabricado até hoje. (<https://www.delvecchio.com.br/nossa-historia/>)

²¹ Profissional especializado no reparo e na confecção de instrumentos musicais de corda, providos de caixa de ressonância, como o violino e o violão. (<https://www.dicio.com.br/luthier/>)

Figura 04- Viola Repentista (adaptada)

Fonte: Arquivo pessoal

Nem sempre os cantadores obedecem à altura no quesito afinação. Como as violas são afinadas uma pela outra através da audição dos cantadores, esse padrão pode variar meio tom abaixo (Sol sustenido) ou, às vezes, em Sol, dependendo da preferência da dupla. Na maioria das vezes, a afinação que prevalece é a de Lá maior.

O uso dessa afinação e a maneira como o cantador toca e canta são reflexos dos tempos em que não se tinha acesso a amplificadores, pois era necessário o cantador projetar sua voz da melhor forma possível e tocar o instrumento de maneira agressiva para que o público pudesse ouvi-lo, mesmo de uma distância considerável.

Outro aspecto importante da afinação repentista é a segunda corda Si, a qual os cantadores chamam de *esticadeira*, geralmente usando uma corda Mi de guitarra com 0,8 milímetros, dando uma característica mais aguda, enfatizando o clássico baião de viola²², em que se sustém todo o dinamismo da cantoria.

Ainda sobre o estudo da afinação da viola repentista:

O pesquisador Rossini Tavares de Lima (1964, p. 32) afirma em estudo sobre a viola que o musicólogo Luis Heitor Corrêa de Azevedo analisou no Ceará, em 1942, violas com cinco ordens de cordas duplas: a primeira ordem em uníssono e as demais ordens em oitavas. Essa disposição de pares oitavados em cinco ordens de cordas duplas pode ter dado origem à atual afinação da viola repentista (cf. CORRÊA, 2000, p.37-38)” (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 25)

22 O improviso dos versos de uma cantoria é feito em baiões, que são sequências de estrofes cantadas alternadamente entre cantadores em uma modalidade, são as bases metódicas da cantoria. É importante ressaltar que não se deve confundir o baião de Luiz Gonzaga, pois são gêneros diferentes mesmo sendo este de vertente musical do repente (DE BRITO, 2017, p. 19).

Como mencionado anteriormente acerca da disposição das cordas da viola que sofrem várias adaptações em seu uso, o repentista, muitas vezes, por questões financeiras, ou até mesmo estética, pode usar um Violão ou a Viola Caipira, modificando a disposição das cordas e da afinação para obter a sonoridade desejada, como no caso do repentista João Tobias, entrevistado nesta pesquisa, que usa um violão adaptado para obter o timbre da viola.

O leitor poderá conferir a canção “Sou filho de Deus²³”, de autoria de João Tobias, através do vídeo anexado a esta pesquisa. Vejamos como se deu a adaptação segundo a fala do autor: “eu inventei isso aqui ... inventei não, usei de outro cantador pra ver se era melhor mais ... aqui eu tô com uma segunda, uma terceira, uma quarta, uma quinta, uma sexta e uma primeira pra igual”²⁴.

Observamos, na fala de João, que sua modificação permite que ele execute a canção usando o violão que parece realmente soar como uma viola, mas que não a substitui, servindo apenas como um simulacro.

De acordo com os estudos sobre a afinação da viola repentista, é possível afirmar que esta vai se modificando conforme a necessidade do cantador, além das adaptações feitas na Viola Caipira, Dinâmica, ou mesmo no violão²⁵, pois o cantador, além de gênio do improviso, é um estudioso no campo do seu instrumento, criando condições favoráveis para manter seu “pinho” apto ao exercício de sua voz. Todavia, viola e violão desempenham papéis diferentes em suas similaridades, mas podem ser aproveitados tanto no repente como na música popular, pois ambos os instrumentos possuem sonoridades singulares, cabendo ao cantador escolher o que melhor se adequa ao seu propósito.

2.2 Por que o Nordeste é terra de Violeiros e Repentistas?

Nesta seção, falaremos sobre o Nordeste repentista e de onde surgiu essa inclinação para o improviso. Não podemos esquecer da colonização, que tem sua contribuição para afirmar o legado da cantoria nas terras nordestinas, bem como da presença dos jesuítas²⁶, que deixaram

²³ Violas e Repentes de Sobral-CE, disponível no canal do youtube, Almir Martins Musique-se em <https://www.youtube.com/watch?v=CsAroX7yGys> aos 16:10min de 18:55.

²⁴ João Tobias 80 anos, repentista aposentado. Entrevista realizada em 01 de junho de 2021, Sobral-CE.

²⁵ Vale registrar que o violão de doze cordas (seis ordens de cordas duplas) vem sendo identificado por alguns músicos na região Nordeste, também por viola, é utilizado por músicos como Marcelo Melo (Quinteto Violado), Manassés, Zé Ramalho (VIOLAS BRASILEIRAS, 2015, p. 16).

²⁶ Os primeiros jesuítas que vieram ao Brasil chegaram com o primeiro governador-geral da colônia, Tomé de Sousa, em 1549. Eles eram liderados por Manuel da Nóbrega e tinham como principal missão a cristianização dos nativos e zelar pela Igreja instalada no Brasil colonial. Em 1759, os jesuítas foram expulsos de Portugal e de todas as suas colônias. (<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-eram-os-jesuistas.htm>)

marcas nas nossas representações culturais. Andrade (1963, p. 18 *apud* RAMALHO, 2000, p. 50) afirma que:

[...] O canto gregoriano inda se manifesta, não só em vários arabescos melódicos conservados até agora pelo povo, como também por sua rítmica livre e de origem oratória se apresenta com alguma constância na criação dos nossos cantadores. No entanto, o aspecto atual desta criação torna a origem dela mais conjeturável que imediatamente reconhecível.

Na época colonial, a música praticada pelos jesuítas possivelmente era o *fabordão*²⁷, mas não se sabe ao certo, pois há poucos registros sobre a música neste período. Vejamos a citação no artigo O mito da música nas atividades da companhia de Jesus no Brasil colonial, de autoria de Marcos Tadeu Holler (2006, p. 3):

[...] O *fabordão* encaixava-se perfeitamente nas ideias do Concílio de Trento sobre a música litúrgica, pois era um repertório constituído basicamente de peças corais, homofônicas, construídas sobre melodias do canto gregoriano, tornando-se por essas características a prática musical mais comum nos colégios jesuíticos na Europa, embora nenhum exemplo tenha sido preservado (HOLLER, 2006, p. 3).

Acompanhando os dados históricos, sabemos que a formação da nação teve uma grande parcela da mão de obra escravizada para incrementar a produção de açúcar e café. No Nordeste, isso não foi diferente, pois, apesar da inconstância climática, as atividades de produção foram designando as zonas geográficas mais adequadas. Nesse sentido:

[...] São duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibra ou se hostiliza (FREYRE, *apud* RAMALHO, 2000, p. 51).

Fica evidente a dualidade de cultura e raça, citada por Freyre, que favorece a formação do homem português e que, ao mesmo tempo, reafirma nossa miscigenação cultural. Dessa forma, podemos concluir que:

²⁷ (Fr., “falso bordão”) Técnica, tanto de canto improvisado quanto de notação abreviada, particularmente associada a música sacra do séc. XV. O termo foi aplicado a certas obras, ou seções de obras, aparentemente em duas partes, em geral com um cantochão elaborado na parte superior. As duas partes escritas baseiam-se numa estrutura de 6^{as} e 8^{as}, a qual podiam ser acrescentadas uma terceira parte e até mesmo uma quarta, seguindo-se formulas escritas. A partir de c. 1450, um método alternativo era criar uma parte de baixo cantando terças e 5^{as} alternadas abaixo do tenor, começando e terminando com um uníssono ou uma 8^a; uma parte alta podia então ser acrescentada, cantando-se terças e 4^{as} alternadas acima do tenor, começando e terminando com uma 5^a. Como método de improvisação, o *faux-bourdon* funcionava como um simples meio de harmonizar um cantochão. (Dicionário Grove de música: edição concisa/editado por Stanley Sadie; editora-assistente Alison Latham; tradução Eduardo Francisco Alves. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1994. Tradução de :The Grove concise dictionary of music).

Essa cultura, pelas mãos de Portugal, transplantou para o Nordeste brasileiro tradições de civilizações outras que se constituíram da tradição greco-latina, acrescida da contribuição de árabes ou semitas. Portugal, historicamente, convivia com essa diversidade cultural formadora do homem colonizador português que o Brasil recebeu. Portugal do século XVI vivia uma fase áurea do pensamento intelectual (RAMALHO, 2000, p. 51).

A cantoria no Nordeste provavelmente é remanescente da cultura árabe, herança da Península Ibérica, sendo que, nesse sentido, “os repentistas Nordestinos são porta-vozes dos sentimentos coletivos do meio social que representam. Entre os cantadores, observa-se essa tendência. A tradição dos gêneros poéticos e das toadas²⁸” (RAMALHO, 2000, p. 53).

Não é à toa que o desafio, um dos gêneros mais importantes da cantoria, tem o molde da disputa, de conquistar a posição no *podium* do repente. O desafio é a guerra verbal, cantada, e vence quem está mais bem preparado. Para afirmar esse raciocínio, vejamos a fala de Ramalho (2000, p. 57):

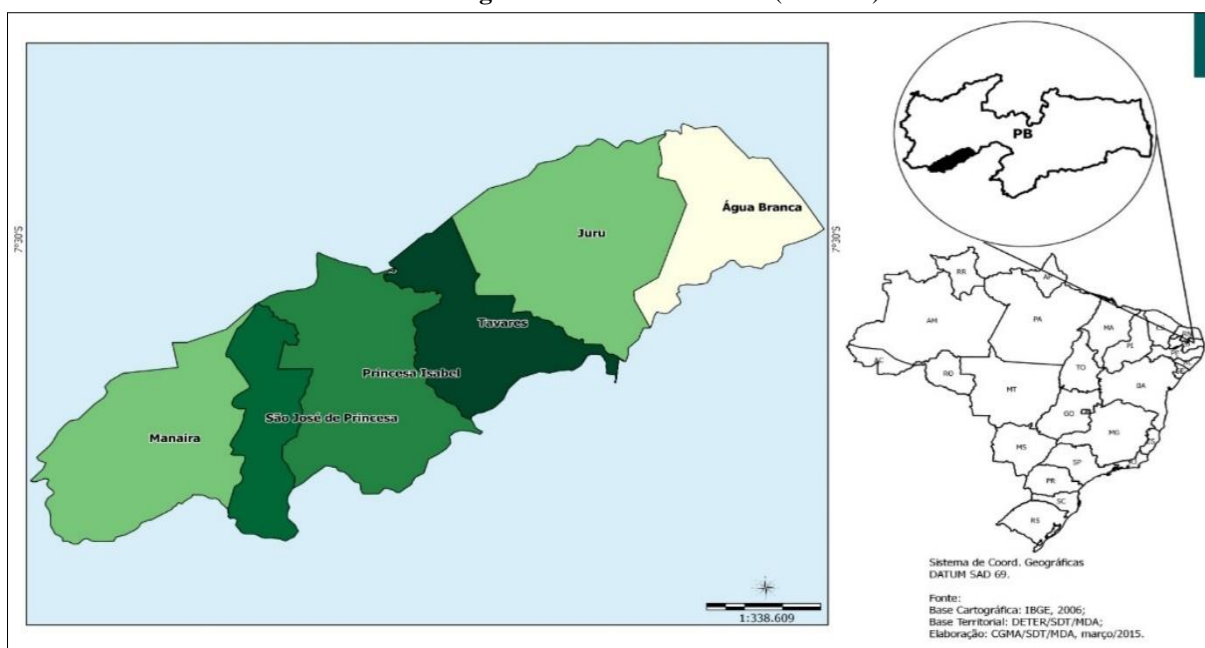
A presença cultural árabe, já sedimentada na Península Ibérica pela invasiva ação mulçumana, trazia consigo a herança poética dos “beduínos nômades da Península árabe” que construíram uma poesia de alto nível-tanto na “elegância” quanto na “métrica” - e possuíam um acentuado “gosto pelo improvisado.

Dessa forma, somos marcados pela história e por nossa herança cultural. No que diz respeito à Cantoria, isso ganha força nas terras nordestinas. Não devemos esquecer da erradicação cultural disseminada pela colonização de Portugal ao sobrepor uma cultura em detrimento de outra, pois os verdadeiros donos das terras, os povos originários, já habitavam as américas e possuíam sua identidade, sua cultura. Com a chegada do europeu, toda essa diversidade cultural foi subtraída, reduzida e, por que não dizer, dizimada.

Os povos africanos foram tirados de seu continente para derramar sangue nas terras tupiniquins. Em meio a essa história de violência, nos interiores das capitânicas do Nordeste, era forjada a figura do cantador. Mais precisamente na serra do Teixeira na Paraíba, surgem os primeiros cantadores, provavelmente os que despertaram o gene da cantoria adormecido da “tradição poética árabe-Ibérica, que durante oito séculos, marcou os hábitos, o sangue, o gosto e o inconsciente coletivo dos povos que iriam colonizar a América” (RAMALHO, 2000, p. 57).

²⁸ A melodia em que os versos são cantados são chamados de Toadas (SAUTCHUK, 2009, p. 35).

Figura 05- Serra do Teixeira (Princesa) - PB



2.3 Gêneros da Cantoria

Nesta seção, trataremos do gênero ou estilos da cantoria, abordando os mais utilizados pelos cantadores nesta pesquisa, mas também falaremos sobre outras formas recorrentes utilizadas pelos poetas repentistas na execução do seu ofício. Para tanto, vejamos a definição de gêneros ou estilos.

Os chamados “estilos” ou “gêneros” de cantoria são as formas fixas, obrigatórias, dentro das quais os violeiros improvisam seus versos. Essas formas variam em relação ao número de sílabas em cada verso, ao número de versos em cada estrofe, à presença ou não de um refrão ou estribilho, e à melodia utilizada. Alguns estilos têm uma melodia única, quase invariável, como é o caso do Brasil Caboclo. Outros como sextilha ou décima, podem ser cantados com um enorme número de melodias, ou toadas (TAVARES, 2016, p. 29).

Dentro desses estilos, os cantadores vão criando à sua própria forma, seus motes, suas canções, mas é importante lembrar que essas criações sempre mantêm a rigidez da métrica, da rima e da oração exigida no universo repentista.

2.3.1 Sextilha

Agora que introduzimos a definição dos gêneros, abordaremos, inicialmente, a sextilha, que se trata de uma estrofe de seis linhas com versos de sete sílabas. Vejamos o exemplo através do improviso do poeta Antônio Ponte²⁹, para uma melhor apreciação estética.

A - Minha viola é sambada
 B - Feita de madeira pura
 A - Tem sete cordas de aço
 B - Que eu afino a toda altura
 A - Sete cordas, sete letras
 B - Pra gente escrever cultura

Observando os versos do cantador Antônio Ponte, destacamos as palavras rimadas, “pura, altura, e cultura”. Podemos organizar as seis linhas da seguinte forma: ABABAB, sendo que as linhas B rimam entre si, e as da Linha A não rimam. Caso ele estivesse cantando com seu parceiro, este deveria começar o próximo verso com a rima em “ura”, por exemplo, Literatura, criatura, dura, e assim por diante, ou seja, sempre que um cantador começar um verso, este tem que obedecer a deixa do seu parceiro. Vejamos ainda sobre a sextilha o que nos diz o poeta Bráulio Tavares.

A sextilha tem seis versos de sete sílabas, onde o segundo, o quarto e o sexto verso rimam entre si, sendo que os demais têm sempre rimas diferentes (com ressalva de que o primeiro verso tem que pegar na deixa do outro cantador, ou seja é forçado a usar a última rima deixada por ele). Na notação tradicional, o esquema de rimas de sextilha tanto pode ser descrito como ABCBDB (indicando que apenas os versos “B” rimam entre si) ou XAXAXA, indicando a mesma coisa e ressaltando que as rimas dos demais, indicadas pelo X, são “em branco” (TAVARES, 2016, p. 33).

Finalizando a sextilha, é possível afirmar que esse gênero é certamente o mais utilizado na cantoria. As duplas iniciam quase sempre com essa modalidade, pois é de fácil condução, moderado e permite ao cantador pensar no verso. Nesse sentido, Bráulio ainda afirma que:

²⁹ Violas e repentes de Sobral- CE, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CsAroX7yGys>, 4min de 18:55.

A sextilha é o estilo padrão da cantoria. Os violeiros começam sempre cantando sextilhas, e é possível que, se ninguém solicitar um outro estilo, ou ninguém entregar motes, fiquem cantando sextilhas a noite inteira. É uma estrofe maleável e sólida: fácil de manipular e capaz de produzir efeitos notáveis (TAVARES, 2016, p. 33).

É muito comum na cantoria os repentistas cantarem sextilhas, porém existe uma certa cautela no uso desse estilo, pois o excesso do gênero pode ser visto pelos cantadores como algo que diminui o talento do vate.

2.3.2 Setilha ou Septilha

Trataremos agora da setilha ou septilha, um gênero bastante semelhante à sextilha, porém com sete linhas. Sua peculiaridade é que os dois penúltimos versos rimam entre si. Vejamos a estrofe de apresentação de nossa autoria³⁰.

A - Agora nesse momento
 B - Prestem muita atenção
 A - Vou falar de cantoria
 B - Também de improvisação
 C - Onde o repente é escola
 C - Do cantador de viola
 B - Que faz do verso canção

Na construção dessa estrofe, podemos observar a organização dos versos que, diferentes da sextilha, trazem mais duas rimas além das três. Nesse caso, temos “atenção, improvisação e canção”, e nas duas penúltimas linhas “escola e viola”. Obtemos, na escrita tradicional, a seguinte disposição: ABCBDDB.

É uma variante da sextilha, com uma linha a mais, repetindo a rima de 5ª linha, tendo, por tanto, um esquema de rimas ABCBDDB. É uma variante mais bela e mais difícil, porque, em vez de três linhas obrigatoriamente rimadas, tem cinco. Pode-se transformar facilmente uma sextilha numa septilha, simplesmente escrevendo uma linha adicional que rime com a quinta linha da sextilha (TAVARES, 2016, p. 37).

³⁰ Violas e Repentes na Cidade de Sobral-CE, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CsAroX7yGys> aos 36segundos de 18:55.

É a setilha que também serve como base para outras modalidades, incluindo também o desafio. Não devemos confundir septilha com sete sílabas, pois a septilha ou setilha é a estrofe composta por sete linhas. Sete sílabas é somente o tipo de metrficação do verso.

2.3.3 *Décimas, mote e glosa*

No que diz respeito às décimas, como o próprio nome sugere, são versos de dez linhas que seguem a organização no seguinte esquema de rimas: ABBAACCDDC. Para ilustrar melhor, traremos os versos em décimas junto ao mote, de autoria do poeta Chico Barbosa³¹.

A - Nunca mais fui em Santana
 B - Do Acaraú conhecida
 B - Aonde eu passei a vida
 A - Naquela terra bacana
 A - Numa parte suburbana
 C - Onde eu me garantia
 C - Nunca mais fiz cantoria
 D - Eu digo e me garanto
 D - **Faz mais de um ano não canto**
 C - **Por causa da pandemia**

Os dois últimos versos aparecem em negrito para destacar o mote: “faz mais de um ano não canto, por causa da pandemia”. Sendo assim, cada vez que o cantador compor um verso, este deverá ter a mesma finalização. Geralmente, na cantoria, o público é quem cria ou, como popularmente se diz, dá o mote. Dito isso, a glosa, então, é tudo que for construído depois do mote. Dessa forma:

Glosar é construir uma estrofe a partir de um certo número de linhas já prontas, “o mote”, fornecidos por outra pessoa. Existe nisso um elemento de parceria. O espectador sente-se parceiro do repentista, por ter-lhe sugerido a ideia a ser desenvolvida. Existe também um elemento de desafio. Às vezes, quem propõe um mote aos cantadores o faz com a mesma atitude de quem propõe uma adivinha ou uma charada. É um teste a que submetemos a habilidade de alguém (TAVARES, 2016, p. 117).

³¹ Violas e Repentes na Cidade de Sobral-CE, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CsAroX7yGys>, aos 6:34min, de 18:55,

Ainda sobre décimas, podemos dizer que este estilo torna possível a construção do mote, mas vale ressaltar que toda a estrofe pode ser construída de forma livre sem necessariamente utilizar-se do mote. Os estilos serão adequados de acordo com a necessidade do cantador ou conforme desejo manifestado pelo público. Para concluirmos:

Quando o ouvinte dá o mote, subentende-se que são as linhas 9 e 10 da estrofe. Embora antigamente fossem comuns os motes (também chamados “temas”) de uma só linha, na cantoria contemporânea o mote mais frequente é o de duas linhas: o espectador propõe os dois últimos versos da estrofe, e o cantador improvisa os oito primeiros. A missão do cantador é tentar criar os melhores versos que puder, obedecendo o assunto sugerido pelo mote, e rimando com as palavras finais deste (TAVARES, 2016, p. 118).

Geralmente, esse gênero é um dos mais difíceis, porém, por ser uma estrofe longa, dá a chance para o cantador pensar no verso que irá compor ao chegar sua vez de improvisar.

2.3.4 A Canção

A canção é um gênero em que o cantador compõe previamente uma obra, usando vários temas, seja sobre o amor, religião, ficção, política entre outros. Diferente do improviso, a canção tem uma construção diferenciada, pois utiliza uma variedade de acordes e explorações da tonalidade maior e menor. Vejamos a afirmação de João Miguel Manzollino Sautchuck em *A poética do improviso: Prática e Habilidade no repente nordestino*.

Já as canções costumam seguir as regras de rima da cantoria, mas variam quanto aos padrões métricos e tem melodias próprias, compostas em tons maiores ou menores, e acompanhamentos na viola mais diferenciados baseados na relação tônica/dominante³². São influenciadas por uma antiga tradição lírico-musical, como as modinhas de Catulo da Paixão Cearense, pelas duplas sertanejas do Sudeste e Centro-Oeste do país, pelo repertório do gaúcho Teixeira e pela música brega (SAUTCHUK, 2009, p. 23).

³² Para um melhor entendimento do leitor, quando o autor se refere a tons maiores e menores, tônica e dominante, estar se referindo a regras de harmonia da música ocidental, a partir da escala musical, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, para a construção de um acorde maior faz-se uso da tônica, da terça e da quinta, se contarmos de dó à si teremos sete notas, então suponhamos que queremos formar o acorde de dó maior, dó é a tônica do acorde que queremos, mi é a terça nota depois de dó, e sol é a quinta nota a partir de dó, desta forma a junção destas três notas dó, mi, sol, formam o acorde de dó maior. Para construção do acorde menor, o processo é o mesmo, porém a terça nota do acorde deve ser menor, dó, mi, sol, esta mudança na construção caracterizará o acorde menor. Em relação a tônica e dominante é uma referência ao sentido de repouso do acorde, suponhamos que temos uma música que sua tonalidade é dó, por tanto dó será a tônica e sua dominante será o quinto grau, neste caso sol, esta dominante sempre acaba resolvendo-se em sua tônica, dó, sol, dó (KOELLREUTER, J. H., 1986).

Como podemos observar, a canção segue as regras da cantoria e utiliza-se dos gêneros, mas seu acompanhamento melódico é diferenciado. Nela, o poeta pensa antecipadamente na construção do verso. Nesse momento, o improvisado é deixado de lado e abrem-se as portas para outra modalidade, a composição, e é através dela que nascem inúmeras canções que enriquecem o repertório da cantoria, que são aclamadas pelo público ouvinte.

Para ilustrarmos melhor o gênero abordado, traremos algumas estrofes do Poeta João Batista, contando a história do cavalo andorinha, que pertencia a seu pai José Duarte, feita em sextilhas. O cantador narra na canção a tragédia ocorrida com o animal que era estimado por seu genitor. Para uma melhor apreciação do leitor, sugerimos a audição³³.

Vou contar uma história
Que Zé Duarte contava
Do cavalo andorinha
E do tempo que campeava
Das corridas de mourão
E do gado que derrubava

Andorinha era um cavalo
Ele veio de encomenda
Era bonito e bem feito
No corpo não tinha emenda
Foi um dos melhor cavalo
Que veio pra nossa fazenda

Andorinha era um cavalo
Ligeiro igual juriti
Pra corrida de mourão
E pra porteiro de jequi
Foi um dos melhor cavalo
Que veio pra o Aracati...

2.3.5 Outros gêneros

³³ Violas e Repentes de Sobral-CE, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CsAroX7yGys> aos 10:11min de 18:55.

Para finalizarmos, trataremos de forma sucinta os demais gêneros utilizados na cantoria, apenas para conhecimento do leitor, pois são inúmeros e não caberiam nesta pesquisa. Por esse motivo, faremos um aprofundamento apenas nos gêneros utilizados pelos repentistas entrevistados. Dessa forma, conseguiremos contemplar nossa pesquisa de forma satisfatória sem nos distanciar do tema principal.

Para facilitar a compreensão dos próximos gêneros, faremos a definição e sua notação tradicional. Caso o leitor tenha interesse em aprofundar-se sobre gêneros, sugerimos a leitura da obra do poeta e pesquisador Bráulio Tavares, *Arte e Ciência da Cantoria de Viola*, publicada em 2016. Dito isso, vamos aos gêneros.

Mourão de sete linhas são sete versos setissílabos com esquema de rimas ABABCCB com dois violeiros se alternando. O primeiro diz dois versos (AB), o segundo responde com dois (AB), e o primeiro encerra a estrofe com três (CCB). **O martelo agalopado** é uma estrofe de dez versos, cada um com dez sílabas, formando uma estrofe com a mesma estrutura de rima da décima: ABBAACCDDC. **Martelo Alagoano e Martelo miudinho** ambos possuem características parecidas com a décima, porém a última linha em cada um dos estilos se repete obrigatoriamente (TAVARES, 2016, p. 39-56).

Galope beira-mar é um estilo ritmado e um dos mais difíceis da cantoria. A metrificação do verso possui onze sílabas e segue a mesma notação da décima ABBAACCDDC. **Oito pés a Quadrão** possui estrofe de oito versos e o esquema tem os três primeiros versos rimando entre si e o quarto terminado em “...ão”; depois mais três versos com outra rima e o estribilho “nos oito pés a quadrão”, o esquema de rimas, portanto é AAABCCCB (TAVARES, 2016, p. 57-67).

Quadrão Mineiro e Quadrão da beira-mar possuem ambos a mesma característica dos oito pés a quadrão, mudando apenas o estribilho. A notação, portanto, é a mesma: AAABCCCB. Após cada estrofe, os cantadores entoam o refrão “beira-mar, beira-mar, ó quanto é belo o quadrão da beira-mar. **Dez pés a quadrão** não é variante do quadrão, e sim da décima. Trata-se de um diálogo em que os violeiros cantam as linhas alternadamente até a última linha, “e lá se vão dez a quadrão”, que é cantada em uníssono pelos dois (TAVARES, 2016, p. 69-73).

Mourão voltado é também uma décima dialogada muito semelhante aos “dez pés a quadrão”, mas tem um refrão de duas linhas: “isto é que é mourão voltado/isto é que é voltar mourão!”. Depois de concluída a estrofe, os violeiros repetem em uníssono o último verso improvisado e o estribilho. **Quadrão perguntado** é bastante semelhante ao “mourão voltado”:

também é uma décima dialogada com esquema de rimas ABBAACCDDC. A distinção é o fato de o diálogo entre os poetas serem de perguntas e respostas, sendo que, no refrão final, dizem “isso é quadrão perguntado/isso é responder quadrão.

Tratando-se dos gêneros, há outros que não foram contemplados, mas que não são menos importantes. Destacamos aqui os mais comuns na cantoria. Entretanto, os estilos e os gêneros abrangem um universo que resultaria em um tema apenas sobre esse assunto, mas certamente os estilos abordados trarão uma compreensão satisfatória que não comprometerá o discernimento do leitor sobre esta pesquisa.

3 O CEARÁ VIOLEIRO E A SOBRAL MUSICAL

O estado do Ceará é um celeiro de cantadores virtuosos desde o tempo de Cego Aderaldo³⁴, que percorria essas terras com sua “rabequinha”, despejando seus versos em praças e mercados. Nos dias atuais, o repente pulsa nas veias das cidades através dos poetas gloriosos que fizeram e fazem história na arte da cantoria, apesar dos poucos estudos voltados para as cantorias de violas realizadas pelo poetas Cearenses. A pesquisadora Maria Elisalene Alves dos Santos, em seu livro intitulado *Circularidades das vozes: a poética da cantoria de viola no Ceará* 2020, revela os repentistas que mais se destacaram de 1960 até os dias atuais:

Antônio Ponte (Irauçuba), Antônio Jocélio (Maranguape), Cícero Cosme (Aurora), Ivan Viana (Reriutaba), Geraldo Amâncio (Cedro), Guilherme Nobre (Fortaleza), Ismael Pereira (Aurora) Jonas Bezerra (Iguatu), Pedro Bandeira (poeta paraibano radicado no Juazeiro do Norte) e Zé Eufrásio (Itapajé). Destes, Pedro Bandeira e Geraldo Amâncio são os mais conhecidos atualmente no cenário da cultura nacional e da internacional, tendo realizado apresentações em diferentes regiões do Brasil, de Portugal e Espanha (SANTOS, 2020, p. 13).

Podemos ainda citar outros grandes nomes de referência na cantoria Cearense, tais como os Irmãos Bessa (Limoeiro do Norte), Zé Edimilson (Russas), Louro Branco (Jaguaribe) este já falecido, mas que foi um gigante na arte do improviso, Luizinho de Irauçuba (Irauçuba), Nonato Costa (Santana do Acaraú). Se fôssemos mencionar todos os cantadores Cearenses, contaríamos um para cada município e certamente sobriam poetas devido à enorme quantidade de artistas no estado.

Abrindo um parêntese em nossa pesquisa, falaremos de dois cantadores em particular, o Nonato Costa, da dupla os Nonatos, e de Luizinho de Irauçuba, ambos cantadores que inovaram a arte. Luizinho misturou a viola com o forró eletrônico, mantendo a estética da cantoria, porém no ritmo que predomina no Ceará, tocando em vaquejada e clubes de forró.

Já Nonato Costa, parceiro de Raimundo Nonato (Paraibano), ambos tiveram suas canções regravadas por bandas de forró famosas, como Limão com Mel, Mastruz com leite e Vicente Nery. A dupla acabou assumindo a interpretação de suas próprias canções e ganharam o país fazendo turnês com lotações homéricas de público, porém não deixaram de improvisar. Os amantes da cantoria sempre exigem dos vates uma apresentação com as violas durante os shows, ainda que de maneira sucinta.

³⁴ Nascido Aderaldo Ferreira de Araújo, em junho de 1878, o poeta repentista Cego Aderaldo foi não apenas o maior nome da poesia cantada e improvisada no Brasil, mas um mito. Sua obra influenciou a música popular e as artes brasileiras nas décadas de 50 e 60. (<https://tvbrasil.etc.com.br/cine-nacional/2018/09/cego-aderaldo-o-cantador-e-o-mito>).

Dando continuidade ao nosso tema, sobre os estudos da cantoria no Ceará, podemos aqui mencionar uma figura de suma importância no cenário de valorização do repente Cearense, Leonardo Mota, divulgador da cultura do cantador de viola em terras sertanejas. Segundo Cascudo (2002, p. 10 *apud* SANTOS, 2020, p. 13):

[...] dos vários cantadores de viola que Leonardo Mota conheceu ao longo de sua vida, ele dedicou-se, por serem “[...] talvez os mais expressivos, naturais e completos,” a cinco cearenses: os cegos Aderaldo (Aderaldo Ferreira de Araújo-Crato) e Sinfrônio (Sinfrônio Pedro Martins-Crato), Anselmo (Anselmo Vieira de Sousa- Ipueiras), Jacó Passarinho (Jacó Alves Passarinho-Aracati) e Serrador (João Faustino-Serra do Araripe, divisa entre Pernambuco e Ceará). Estes se tornaram conhecidos nacionalmente.

Além da quantidade significativa de repentistas em todo estado Ceará, tanto no passado, como foram mencionados os cinco repentistas conhecidos nacionalmente, como no presente, é possível descrever as manifestações dessa arte através dos eventos que ocorrem, sejam em festivais ou em apresentações que acontecem em quase todos os municípios. Nesse sentido:

O Ceará é um dos estados nordestinos a sediar alguns dos mais relevantes festivais de cantoria de viola. Foi nesse estado onde aconteceram as quatro edições do Festival Internacional de trovadores e Repentistas, idealizado pelo cineasta cearense Rosenberg Cariri. O Festival contou com a presença de cantadores brasileiros e de outros países. A partir de 2011, o citado festival passou a se chamar Festival de Repentistas e Trovadores Patativa do Assaré. Realizado pelo Instituto Internacional de Artes e Cantorias, o Festival passou a ser coordenado pelo poeta Geraldo Amâncio (CASTRO, 2011 *apud* SANTOS, 2020, p. 193).

Sobre o destaque dos repentistas cearenses, podemos citar a figura de Geraldo Amâncio, natural de Cedro-CE, que faz cantorias por todo o país e que participa de congressos no exterior. O poeta possui um centro cultural que leva o seu nome na capital cearense. Ainda sobre seus feitos, podemos descrever:

Quanto a Geraldo Amâncio, discípulo de Pedro Bandeira, realiza cantorias por todo o Brasil, mantendo sempre sua agenda preenchida nos finais de semana. Geraldo Amâncio também viajou algumas vezes para Portugal e Espanha, representando o Brasil em eventos de cantorias promovidos nos referidos países a exemplo do Festival Internacional do Verso Popular - FESTCORDEL, evento sediado na região Norte de Portugal cujas últimas edições aconteceram de 21 de fevereiro a 04 de março de 2018 e de 08 a 20 de maio de 2019. O referido evento contou com a presença de cordelistas e repentistas de Portugal, de Espanha, do Brasil e de Marrocos. Geraldo Amâncio participou também do Encontro de Cantadores ao Desafio e Repentistas Portugueses, realizado em Viana do Castelo, Norte de Portugal (SANTOS, 2020, p. 36-37).

Figura 06- Geraldo Amâncio



Fonte: (COSTA, 2021)

Sobre os lugares que promovem cantoria pelo estado, podemos mencionar o espaço “Quinta com verso e Viola”, criado em 2007, na cidade de Quixadá, sertão central, região famosa por ser a terra do Cego Aderaldo e que muito valoriza o repente:

Com o intuito de fomentar e incentivar a arte da cantoria de viola no Ceará, nasceu, em março de 2007, o projeto “Quinta com Verso e Viola”. Este é uma iniciativa do Clube da Viola, um grupo composto por poetas, repentistas, apologistas e amantes da arte do repente. O Clube da Viola surgiu em 1994, em Quixadá-CE, a partir do intento de um grupo de amigos (Erasmus Barreira, Miguel Peixoto, Dr. José Nilson e Orlando Queiroz) que se reuniu para organizar um festival de cantadores de viola naquela cidade. Na época, e ainda hoje, os poetas se reuniam em torno de um objetivo comum: promover ações de valorização, de preservação e de divulgação da arte do repente como a realização de cantorias e de festivais, de gravação de CD’s e DVD’s de repentistas e de lançamentos de livros (SANTOS, 2020, p. 105-106).

Em Fortaleza, na capital, é onde se concentram uma maior quantidade de repentistas. Os espaços para cantoria também são numerosos e atendem à demanda do público que aprecia essa arte:

Fortaleza consolida-se como uma capital que valoriza a cantoria de viola a partir de sua realização em diferentes espaços comerciais (restaurantes, bares e feiras, por exemplo) e também culturais (Teatro do SESC Emiliano Queiroz, Casa dos Cantadores do Nordeste, Bienal Internacional do Livro do Ceará, Encontro Mestres do Mundo, Festival Vida e Arte e Programa Ceará Caboclo (SANTOS, 2020, p. 159).

O Ceará é um dos estados que mais promove festivais de cantoria, não menos importantes que os de Campina Grande, na Paraíba, atraindo cantadores de todos os lugares do Nordeste, como afirma Santos:

Na última década, outros importantes festivais surgiram no estado do Ceará como o Festival Violas e Repentes, promovido pelo Banco do Nordeste (BNB) em 2012 em comemoração aos seus sessenta anos. O Festival foi organizado pelo poeta Orlando Queiroz, presidente do Clube da Viola. O Clube da Viola, com toda a sua importância no âmbito da cantoria, também organiza o Festival dos Festivais. O evento ocorre nas instalações do teatro do SESC Emiliano Queiroz. Sua mais recente edição aconteceu no ano de 2016, tendo a participação de repentistas de diferentes estados do Nordeste (SANTOS, 2020, p. 193).

É com bastante frequência que o repente acontece no cenário cearense. Infelizmente, apenas na Zona Norte, especificamente na cidade de Sobral, é que não temos a incidência da cantoria como nos outros municípios do estado, motivo que desaguou nesta pesquisa a fim de compreender tal fenômeno. Ainda sobre os festivais pelos municípios:

Demais festivais acontecem em todo o estado com bastante frequência a exemplo do IV Festival em Homenagem ao Dia do Cantador, realizado no dia 16 de agosto de 2019 na cidade de Aurora-CE; do XXI Festival de Violeiros do SESC, realizado em Iguatu-CE nos dias 19, 22 a 24 de outubro de 2019; do XX Festival de Repentistas, Emboladores e Cordelistas do Nordeste, realizado no dia 13 de dezembro de 2019 em Aracati-CE; e do XX Encontro de Cantadores em Limoeiro do Norte, realizado em 14 de dezembro de 2019 (SANTOS, 2020, p. 193).

Enfatizando o assunto sobre eventos de cantoria na cidade de Sobral, Santos (2020) descreve muito bem o panorama, constatando diferentes situações em três momentos. Segundo ela, um deles reflete a dificuldade do fazer repentista na zona norte:

Dos eventos citados, ressaltam-se nesta seção, respectivamente: o II Festival em Homenagem ao Dia do Cantador, realizado no dia 13 de agosto de 2017 na cidade de Aurora; a Mostra de Violeiros de Sobral, realizada no dia 29 de junho de 2018; e o XX Encontro de Cantadores em Limoeiro do Norte, acontecido no dia 14 de dezembro de 2019. Nos três eventos, são observadas algumas peculiaridades. No primeiro, são apresentadas duplas compostas por cantadores de faixas etárias diferentes e a participação, embora que de forma especial, de uma cantadeira, Graça Pereira. **O segundo caracteriza-se pelo esforço dos cantadores de viola da zona norte cearense em manter viva a cultura da cantoria.** O terceiro mostra a continuidade, com toda a sua força, da cantoria de viola no Vale do Jaguaribe através de um festival que alcança a sua vigésima edição (SANTOS, 2020, p. 194, grifo nosso).

Na região do baixo Jaguaribe, o cenário se mostra favorável. Em Limoeiro do Norte existe a casa do cantador e as cidades vizinhas, como Russas, Alto Santo e Morada Nova são verdadeiro celeiros dos repentistas, o que nos autoriza a afirmar que:

No tocante ao Vale do Jaguaribe, essa região cearense é conhecida por cultivar intensamente a cantoria de viola. Especialmente, na cidade de Limoeiro do Norte, é realizado, todos os anos, o Encontro de Cantadores em Limoeiro do Norte. Esse festival é um dos mais importantes da região Nordeste e registra um público composto por, em média, mil pessoas. No ano de 2019, o evento alcançou a sua vigésima edição e contou com a participação de renomados cantadores de viola de vários estados nordestinos (SANTOS, 2020, p. 206).

Na difusão da cantoria pelo estado, a televisão local teve uma contribuição fundamental, começando nos meados dos anos 80, com o programa do Carneiro Portela, Ceará Caboclo e, mais tarde, com o programa do Geraldo Amâncio. Esses programas deram voz à cantoria e a colocaram em evidência:

Da década de oitenta para cá, de maneira paulatina, o rádio é substituído pela televisão. E, mais precisamente, nos anos noventa, a cantoria ocupa o espaço na mídia televisiva. No Ceará, citam-se como exemplo os programas “De repente cantoria”, exibido pela TV Jangadeiro (afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão-SBT) e “A sanfona e a viola”, apresentado pela TV Diário (a TV Diário pertence ao Sistema Verdes Mares de Comunicação que, por sua vez, é ligado à Rede Globo). Com o tempo, este último programa passou a se chamar “Ao som da viola”. Ambos os programas vivenciaram o seu apogeu durante os anos de 1990 e 2000. Os referidos programas foram apresentados pelo cantador de viola Geraldo Amâncio. Os citados programas já não mais existem. No entanto, sem deixar essa lacuna na televisão, há o programa “Ceará Caboclo”, exibido nas manhãs de domingo, das nove às dez horas, pela TV Ceará (TVC), Canal 5, e reprisado às terças-feiras às vinte horas (SANTOS, 2020, p. 210-211).

Encerramos aqui este capítulo falando sobre o Ceará violeiro e alguns de seus personagens, fazendo uma breve demonstração que, certamente, não contempla o quão imenso é esse fazer artístico pelo estado. Procuramos contemplar os pontos mais relevantes e que achamos necessários para dar continuidade a nossa pesquisa.

3.1 Sobral e sua cultura musical

Para compreendermos o fazer repentista na cidade de Sobral, não podemos nos abster do contexto histórico musical que permeia a cidade, que mantém em funcionamento uma escola pública voltada para o ensino de música, criada oficialmente em 2001, como nos afirma José Brasil de Matos Filho, em sua dissertação “*Escola de Música de Sobral: Análise de um processo de formação não intencional de educadores musicais*”.

No ano de 2001 a escola de Música de Sobral foi oficialmente criada, através do decreto nº 303, de 23 de janeiro de 2001. Em 23 de setembro de 2003, foi inaugurada sua sede própria, e, em 15 de maio de 2007 através da lei nº 753, na gestão do prefeito José Leônidas de Menezes Cristino, passou a se chamar Escola de Música Maestro José Wilson Brasil, homenageando a um dos mais antigos membros da banda municipal, na passagem de noventa anos do músico (MATOS FILHO, 2014, p. 62).

Além da escola de música, a cidade conta com o curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal do Ceará, criado em 2010. A cidade também conta com o curso de Licenciatura em letras, da Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA. Podemos ainda destacar as escolas particulares de educação musical, como, Casulo da Música, Ivana Sá e Galeria Tio William, dentre outras.

Vale ressaltar que, mesmo antes da criação oficial da escola de música, Sobral já possuía em seu histórico uma inclinação musical bastante apurada em que os historiadores descrevem “som dos pianos das moçoilas sobralenses que se faziam ouvir nos passeios pelas ruas” (MENEZES, 1965 *apud* MATOS FILHO, 2014, p. 69).

Nesse contexto, Matos Filho (2014) nos revela, em sua pesquisa, o quanto Sobral é dotada de figuras ilustres que contribuíram para o desenvolvimento cultural não somente da cidade, mas do país:

A vocação de Sobral para a cultura nos é atestada por diversos filhos da terra que contribuíram com as artes do Ceará e do Brasil, como o poeta e jornalista Inácio de Loyola Albuquerque e Mello (**Padre Mororó**; 1774-1825), o cronista, jornalista, romancista e teatrólogo **Domingos Olímpio** Braga Cavalcanti (1851-1906); o ator, escritor e humorista Antônio **Renato Aragão** (1936) e o cantor e compositor, Antônio Carlos Gomes **Belchior** Fontenelle Fernandes (1946-2017) (MATOS FILHO, 2014, p. 58).

Mesmo como uma pequena vila, Sobral já tecia a construção de sua cultura, não somente em relação à música, mas às artes de um modo geral, como, por exemplo, o teatro São João, palco de muitas apresentações, criado posteriormente ao teatro Apolo, quando este encerrou suas atividades em 1910:

Mesmo antes de ser alçada à condição de cidade- o que só aconteceu em 1841-, a vila já contava com uma escola de música no ano de 1813. No ano de 1867 inaugurou seu primeiro teatro (Teatro Apolo), que funcionou até 1910. Em 26 de setembro de 1880, abriu as portas de sua principal casa de espetáculos, o Teatro São João, três décadas antes do principal teatro da capital do estado, o Teatro José de Alencar; inaugurado em 17 de junho de 1910 (MATOS FILHO, 2014, p. 58).

É nesse cenário que Sobral vai desenvolvendo-se como uma cidade em que parte da população prioriza as artes, tanto o teatro, como a música, e o fazer literário presentes nos

romances de Domingos Olímpio³⁵. Nota-se a construção de uma sociedade intelectual que simpatiza com a erudição, uma cidade refinada, como podemos conferir na tese, a presença dos intelectuais da academia de estudo e letras – ASEL - e a invenção da cidade letrada (1943-1973), escrita por Francisco Denis Melo.

As elites sobralenses no início do século XX pretendiam-se civilizadas. Essa qualificação, exaustivamente empregada na maior parte dos discursos, assumindo as formulações mais variadas, refere-se sempre ao valor conferido aos modelos culturais importados do Velho Mundo. Daí a presença do teatro, do gabinete de leitura e, sobretudo, das festas, onde o refinamento era indispensável. Nesse contexto, as regras de civilidade constituíam o coroamento do projeto das elites, visando à aprendizagem de modos sofisticados observados nas altas esferas das sociedades europeias (COSTA *apud* MELO, 2013, p. 31-32).

Através dessa citação, podemos imaginar o cenário repentista que emerge da cultura popular, predominantemente rural, respirando à margem de uma cultura elitista. Não podemos nos precipitar ao afirmar que tal condições contribuíram para que o repente não fosse tão difundido em Sobral, porém, é notório que parte de seus cidadãos bebiam de outras fontes deixando de lado o popular em função apenas do erudito.

Nesse sentido, os violeiros repentistas teciam sua arte na cidade de Sobral e iam difundindo a cantoria com bastante dificuldade, como veremos mais à frente nesta pesquisa através das falas dos cantadores. Adiantamos que, dos cinco repentistas entrevistados, apenas um é filho de Sobral, fato interessante e que demonstra a pouca inclinação dos habitantes para a arte da cantoria.

3.2 O lugar da cantoria no cenário musical da cidade

Apesar do cenário repentista apresentar-se de forma tímida nos dias atuais, tendo em vista a mudança sofrida na pandemia de covid-19, desde que o país registrou seu primeiro caso do novo coronavírus (SARS-CoV-2), em fevereiro de 2020, afetando todos os estados brasileiros e, certamente, prejudicando de forma imensurável a classe artística. Fica evidente a dificuldade para os protagonistas da cantoria, pois o fazer artístico dessa classe depende do público que, por motivo de segurança, teve que ficar em casa e evitar aglomerações.

Entretanto, tratando-se da cantoria, no cenário atual de Sobral, temos o repentista Antônio Ponte, que transmite pela rádio Educadora, na cidade de Alcântara, o programa Violas

³⁵ Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, (Sobral, Ceará 1850-Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 1906). Romancista, advogado e Jornalista. Em 1903 publica Luzia Homem, considerada sua melhor obra, um dos primeiros romances a explorar a seca nordestina. (enciclopédia.itaucultural.org.br/pessoa638227/domingos-olimpio)

e Repentes, há quarenta e cinco anos, ininterruptamente, com uma programação que vai ao ar das 16:00 às 17:00hs, de segunda à sexta-feira, sendo, possivelmente, o programa mais antigo do estado, cujo feitio colabora para manter viva a cantoria na cidade, principalmente em tempos de pandemia.

Quando interrogado sobre a situação da cantoria em Sobral, Antônio Ponte queixa-se do descaso das entidades governamentais e da dificuldade para manter a cantoria:

O que eu penso pra Sobral aonde eu moro? Que ela está muito pequena, repito a terceira vez, por falta de incentivo, aqui ninguém tem um incentivo pra fazer um festival, aqui ninguém tem um incentivo pra trazer uma dupla de fora, duas dupla pra fazer um “pé de parede” aqui ninguém tem, então se eu tirar o meu programa do ar, estou com 45 anos, eu tenho certeza, sem nenhuma demagogia, a poesia se acaba, porque nunca mais surgiu um cantador novo em Sobral, o mais novo daqui sou eu e tenho, vou fazer 69 anos de idade (ANTONIO PONTE, 69 ANOS, Entrevista realizada em 02/06/2021-Sobral-Ce).

Sobre a resistência e persistência de Antônio Ponte, podemos constatar que o amor que ele nutre pela cantoria é o que o mantém firme, mesmo com as dificuldades para continuar o programa e com as cantorias cada vez mais escassas, além da pouca valorização. Ele segue cantando até hoje, como afirma Santos (2020, p. 45):

Referindo-se à condição de resistência que exerce Antônio Ponte na região Norte do estado do Ceará, ele mantém, há quarenta e três anos, um programa de rádio, “Violas e repentés”, sobre cantoria de viola. O programa transmitido de segunda a sexta-feira, das dezesseis às dezessete horas, pela Rádio Educadora do Nordeste. Antônio Ponte paga pelo horário na Rádio para transmitir, diariamente, o “Violas e repentés”. No passado, era possível manter o programa sem grandes preocupações financeiras em decorrência da quantidade expressiva de patrocinadores. Atualmente, conforme relatos do próprio Antônio Ponte, é com bastante dificuldade que ele consegue levar ao ar o programa em razão da diminuição considerável de patrocinadores. É o seu amor pela cantoria que faz com que o poeta conserve o programa até hoje: “E devido eu ter esse programa no ar, pela Rádio Educadora do Nordeste, que é o canal 950 AM, há quarenta e dois anos, ininterruptamente. E tudo isso faz com que eu fique cantando até hoje com essa idade que eu tenho”.

O poeta Chico Barbosa argumenta de forma semelhante. Apesar de relatar que Sobral já foi um berço de muitos repentistas no passado, nunca foram valorizados pela população. Além disso, ele utiliza uma metáfora para reforçar o quanto a arte é desvalorizada em Sobral ao nos dizer que:

É, aqui sempre foi fraco, antigamente devido ter muitos cantadores exploraram sempre a região, faziam as cantorias né? Mas toda vida foi assim um povo da região não apoiam muito, quem tem condição de apoiar, tem as pessoas que gostam que não deixam de gostar mais também era aquele povo mais, mais humilde mesmo né? Rapaz

eu, eu penso oh, o cantador existe aquele negócio que diz, lâmpada de geladeira, isso assim, assim é como lâmpada de geladeira, é clareia mais não esquenta e o cantador eu digo assim, o cantador esquenta mais não clareia, que ele tem tudo, diz tudo, tem potência tem capacidade, tem tudo mas aí não brilha, pra muita gente né? Pra muita gente brilha, mas tem gente que o cantador não clareia, como ele deveria ser visto, deveria ser bem apresentado (CHICO BARBOSA, 73 ANOS, Entrevista realizada em 02/06/2021-Sobral-Ce).

É evidente a dificuldade enfrentada pelos cantadores no cenário sobralense. Suas falas são unânimes quando interrogados sobre a situação do repente na cidade e, por esse motivo, surge a importância em ouvi-los. Através de suas narrativas, torna-se possível compreender por que grande parte da cidade se mantém distante do fazer artístico desses poetas. Para aprofundarmos ainda mais a questão, vejamos o que nos diz Santos (2020) em sua tese. Ela faz uma descrição a partir das inquietações do repentista Antônio Ponte, que ilustra muito bem a situação do repente na Zona norte do estado, especificamente em Sobral.

A atitude do poeta Antônio Ponte de permanecer no interior do Ceará, mesmo correndo o risco de diminuir sua atuação como cantador de viola, é interpretada, sob o olhar da autora desta pesquisa, como um ato de resistência. Antônio Ponte realiza cantoria, principalmente, na região Norte, onde fica localizada a cidade de Sobral. Ressalte-se que, diferentemente do que acontece na região Sul do estado (onde estão localizadas as cidades de Crato e Juazeiro do Norte) e no Vale do Jaguaribe (onde se localizam as cidades de Limoeiro do Norte e Morada Nova), consideradas berços da cultura da cantoria de viola no Ceará, a região Norte encontra dificuldade em preservar essa cultura atualmente. Daí a relevância da presença de Antônio Ponte na mencionada região. Ele exerce um papel singular no processo de valorização da arte da cantoria de viola na região Norte junto aos órgãos públicos municipais. Ao longo dos anos, uma das suas principais metas é a criação da casa do cantador em Sobral. De acordo com o poeta, a criação de uma casa do cantador, nos moldes da Casa do Cantador situada em Fortaleza, ajudaria a fortalecer a cantoria de viola na região norte. Antônio Ponte já realizou várias tentativas junto aos prefeitos que administraram a cidade no decorrer dos anos. Segundo o poeta, promessas foram feitas, mas, infelizmente, não foram concretizadas. Mesmo assim, percebe-se um esforço significativo dos gestores, nos últimos vinte anos, em consolidar políticas públicas voltadas para a cultura popular na cidade de Sobral (SANTOS, 2020, p. 44).

Nos aspectos abordados sobre o lugar da cantoria em Sobral, apresentamos as dificuldades do fazer repentista através das falas dos cantadores. Trataremos agora sobre os eventos que acontecem na cidade aos quais a cantoria está inserida:

Quanto à cidade de Sobral, ainda que se encontre dificuldade para a realização de festivais, não pela existência de cantadores na região, mas, principalmente, pela questão financeira, há o cuidado de se destinar uma programação às apresentações de cantadores de viola em alguns eventos municipais como a Feira do Livro de Sobral Domingos Olímpio, realizada nos dias 07, 08 e 09 do mês de novembro do ano de 2017 nas dependências do Centro de Convenções da cidade. Esse evento contou com a participação de vários repentistas, dentre eles, dos poetas Antônio Ponte e Geraldo Amâncio (SANTOS, 2020, p. 198-199).

As políticas voltadas para a cultura repentista em Sobral parecem estar centradas apenas em datas sazonais como, por exemplo, o São João, em que os cantadores se apresentam durante os festivais de quadrilhas. Nesse sentido, o espaço da cantoria fica limitado, daí a importância de um local para valorização da cantoria, como argumenta Antônio Ponte sobre a ideia de se criar na cidade a casa do cantador. Geralmente, esse espaço, além de promover a cantoria de forma constante, serve de acomodação para cantadores que estão de passagem pela cidade, além de propiciar um contato mais próximo da comunidade com a cultura de viola. Vejamos então a evidência de nossa afirmação através da fala de Santos:

Nessa política de valorização da arte da cantoria de viola, cita-se a Mostra de Violeiros de Sobral. A Mostra é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Sobral através da Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer (SECJEL) e do Instituto ECOA (Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes). Ela integra a programação do São João de Sobral. Este, quando foi pensado, incluía em sua programação apenas o Festival de Quadrilhas de Sobral que, em 2019, alcançou a sua vigésima terceira edição (SANTOS, 2020, p. 199).

Por conta da pandemia, os cantadores se apresentaram, neste ano de 2021, por meio das redes sociais, através de projetos emergenciais fomentados pela prefeitura de Sobral, junto ao edital de chamada pública para seleção de propostas de atividade artísticas e culturais nº 002/2021-Secult Sobral. O São João online de Sobral, apresentado em 26 de junho na plataforma digital YouTube ou no site www.cultura.sobral.gov.br, pode ser conferido pelo leitor no link (<https://www.youtube.com/watch?v=1piFXkSNGhA&t=4383s>). Esse evento teve a presença de vários grupos musicais da cidade, intercalando com os repentistas Antônio Ponte, Antônio Teixeira, Chico Barbosa e João Batista. As filmagens foram feitas individualmente no teatro São João, obedecendo aos critérios de restrição.

Os editais emergenciais possuem pontos positivos pois ajudam os artistas em situações financeiras críticas. No caso dos repentistas, as questões excessivamente burocráticas dos editais acabam por prejudicar a classe, visto que a maioria deles não é familiarizada com o universo digital, dificultando, assim, a participação nesses editais em que a inscrição não é garantia de ser contemplado.

Dessa forma, podemos afirmar que a cantoria tem seu lugar no cenário musical da cidade, mesmo que de forma tímida, e fica evidente que o período pandêmico agravou ainda mais a situação. Esperamos que, com a população vacinada, os cantadores possam voltar às atividades de forma presencial e que a secretaria de cultura de Sobral crie ações para possíveis melhorias na difusão do repente na princesa do Norte.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa caracteriza-se como do tipo Qualitativa. Com base em Bogdan e Biklen (1994), esse tipo de pesquisa tem os seguintes fundamentos:

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. [...] Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Ainda sobre a perspectiva da pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) complementam:

Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre seu objeto de estudo, a direcção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e o passar de tempo com os sujeitos. [...] Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50).

A abordagem metodológica escolhida para fundamentar o presente trabalho foi a História de Vida, isto é, pesquisar a história individual dos cantadores e suas ações, entendendo que este trabalho não diz respeito apenas a eles, mas também à comunidade, como nos afirma (BOJE, 1995): “o método de história de vida possibilita que os indivíduos apresentem suas histórias, falem de si, recorram a sua memória, suas lembranças e suas testemunhas. Ou seja, as pessoas não apenas contam histórias, elas contam histórias para decretar algo de si mesmas e de sua comunidade”.

Ainda sobre a História de vida, podemos compreender, segundo Spindola e Santos (2003):

*A pesquisa histórica tem no ambiente a fonte direta dos dados e o seu pesquisador como instrumento central. Esse tipo de metodologia é caracterizada pelos dados descritivos, do contato do pesquisador com o pesquisado e a valorização do processo, pois preocupa-se em retratar as perspectivas dos indivíduos, de como esses indivíduos atribuem significados às coisas da vida, sendo esta uma importante proposta da utilização desse método (SILVA *et al*, 2007).*

4.2 Universo da pesquisa

O universo de investigação deste trabalho tem como base a análise das narrativas dos repentistas que estão em atividade na cidade de Sobral no decorrer da realização da pesquisa.

Devido à pequena quantidade de repentistas catalogados até o presente momento do trabalho, pretende-se investigar e analisar as trajetórias individuais de cada repentista no intuito de garantir um melhor aprofundamento em torno dos dados coletados.

4.3 Participantes do estudo

Para elaboração desta pesquisa de campo, foram selecionados cinco cantadores locais, que constituíram o grupo de participantes do estudo, que teve como público-alvo os repentistas da cidade de Sobral.

O critério utilizado para a participação no estudo foi definido da seguinte forma: repentistas que atuaram ou atuam na cantoria, independentemente da idade e que concordaram em participar da pesquisa através do preenchimento do Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) inseridos no apêndice desta monografia.

As principais características do grupo entrevistado estão relacionadas à pluralidade de elementos que incluem o fazer repentista dos sujeitos envolvidos, por exemplo: como é feita a cantoria, o tipo de instrumento utilizado, os gêneros mais recorrentes, a atuação profissional, a trajetória na cantoria etc.

Com o intuito de apresentar as particularidades de cada repentista, abordaremos, de forma individual, os poetas participantes desta entrevista: o primeiro participante entrevistado foi o repentista João Ferreira de Barros, mais conhecido como João Tobias, que possui 79 anos, residente na rua Francisco Fenelon Alves, 257, bairro-centro de Sobral. Já não atua como cantor, trabalhou durante muito tempo como fotógrafo e hoje é aposentado. Ele tem muito orgulho por ser cantor.

O segundo participante entrevistado foi o repentista Francisco Antônio Ponte, residente na rua Viriato de Medeiros 670, centro de Sobral, conhecido apenas por Antônio Ponte entre os colegas repentistas, ele tem 69 anos é cantor atuante, e exibe o programa de cantoria em Alcântara-CE pela rádio AM Educadora, violas e repentes, de segunda a sexta-feira, das 16:00 às 17:00hs.

O terceiro repentista entrevistado foi o Francisco Barbosa Sousa, 73 anos, residente na rua Senador Virgílio Távora, 329, no bairro Sinhá Saboia, ainda atua como cantador, gosta de ser chamado apenas por Chico Barbosa, além de cantador ele é artesão e confecciona vários artigos decorativos através de material reciclável.

Nosso quarto participante chama-se Antônio Cavalcante Teixeira, residente na rua Natal 17, no bairro Sinhá Saboia, conhecido por a Antônio Teixeira, ele tem 70 anos de idade, é cantador atuante, devota um grande amor pela cantoria e pelo violão, quando pequenino construiu seu primeiro instrumento com uma cabaça.

Nosso quinto e último entrevistado é o repentista João Batista Duarte, residente na rua Sinhá Saboia, no bairro Sinhá Saboia, conhecido por João Batista, ele tem 80 anos, atuante na cantoria, contador de causos, e de memória fabulosa, gosta de compor canções.

4.4 Instrumento de coleta de dados

O principal instrumento para a realização da coleta de dados foi a entrevista. Tais entrevistas foram gravados em áudio e/ou vídeo para uma melhor análise dos dados coletados. Ressalta-se também que foi solicitada a autorização dos participantes para uso das informações na pesquisa acadêmica.

4.5 APRESENTAÇÃO DE DADOS

4.5.1 Contexto das entrevistas com os participantes

Neste capítulo, trataremos de apresentar o contexto das entrevistas com os cantadores. Nosso primeiro entrevistado foi o repentista João Tobias, no dia 1 de junho de 2021, à tardinha. Já havíamos marcado o encontro, dia antes, com seu filho, Miqueias, que também faz parte do curso de Música e articulou o diálogo na residência deles.

Figura 07 - Entrevista com João Tobias.



Fonte: Arquivo pessoal

Ao chegarmos na residência do entrevistado, situada na rua Francisco Fenelon Alves, 257, bairro-centro de Sobral, ele nos recebeu prontamente, bastante atencioso e muito solícito. Explicamos os procedimentos necessários e apresentamos o termo de consentimento. Depois de assinado, começamos a entrevista de fato, relatamos o teor da pesquisa e conversamos bastante sobre cantoria e história de vida. Após encerrada a gravação, continuamos a conversa informalmente. Depois de horas debruçados no assunto da cantoria, percebemos que já se fazia tarde, agradecemos pela oportunidade e pedimos que seu filho

registrasse o momento. Saímos da residência do Sr. Tobias com imensa gratidão, imaginando a importância do trabalho de um pesquisador e o quão significativo fora nosso encontro.

No dia seguinte, mais precisamente em 2 de junho de 2021, pela manhã, encontramos com os repentistas Antônio Ponte e Chico Barbosa em uma pequena lanchonete próxima ao mercado central de Sobral. Já se passara um ano desde que havíamos combinado nosso encontro para a entrevista. Ficamos muito felizes pelo fato de Antônio Ponte descer a serra da Meruoca apenas para conceder a entrevista. No percurso, recrutou Chico Barbosa, pois, naquele momento, havíamos perdido o contato do poeta, e Antônio Ponte nos tranquilizou avisando que traria o Vate.

Figura 08 - Entrevista com Chico Barbosa (à esquerda) e Antônio Ponte (ao centro)



Fonte: Arquivo pessoal

Iniciamos a entrevista com Antônio Ponte e, após explicarmos o procedimento, demos início à gravação. Pedimos compreensão a Chico Barbosa para não interromper. Durante nosso diálogo, Antônio Ponte abraçou a viola e improvisou três sextilhas. Solicitamos autorização para registrar o momento em filmagem, deixando clara a intenção que tínhamos de fazermos um documentário posteriormente com os cantadores entrevistados. Ele não fez

objeção e até brincou ao concluir as sextilhas, argumentando que ficaria “caro”, caso fosse necessário cantar mais.

A conversa foi bastante produtiva. Falamos sobre festivais de cantoria, o cenário sobralense, cantadores do passado e histórias cômicas. Após concluída a gravação, foi a vez de Chico Barbosa. Antes de começarmos, ele abraçou a viola e fez um mote falando sobre a pandemia. Por descuido, acabamos filmando apenas a última estrofe. Ao interrogarmos se ele e Antônio Ponte desejavam tomar um suco ou um refrigerante, Chico foi direto ao ponto e pediu uma cachaça. Seu Antônio optou pelo refrigerante. Depois da dose de aguardente, Chico ficou bem à vontade e expôs todo seu pensamento sobre a cantoria em Sobral, glosou alguns versos, e ficou incumbido de, no dia seguinte, levar-nos aos outros dois repentistas que moram no mesmo bairro, Sinhá Saboia, onde ele também reside.

Após concluirmos a entrevista, o tempo já passava das 11 horas da manhã. Agradecemos a ambos pela disposição e eles ficaram gratos pela valorização dos repentistas, pela relevância do nosso trabalho. Depois de conferirmos as gravações, retornamos para casa, ávidos para encontrar, no dia seguinte, os próximos entrevistados, os quais ainda não conhecíamos, mas sabíamos que, certamente, seria um encontro que renderia bons frutos.

No dia 3 de junho, próximo às 17hs, seguimos de motocicleta para o bairro Sinhá Saboia em busca da casa de Chico Barbosa. Ele havia nos dado toda a instrução de como encontrá-lo. Ao chegarmos em sua residência, situada na Rua Senador Virgílio Távora, 329, estava ele e sua esposa ambos sentados na calçada. Fomos atendidos pelo anfitrião de forma muito hospitaleira, pois ele nos mostrou a casa, suas criações artesanais, sua viola dinâmica, seu acervo fotográfico dos festivais em que participara e os troféus conquistados pelas cantorias de outrora.

Seguimos caminhando em direção à casa de Antônio Teixeira, que era bem próxima da casa de Chico. Ao chegarmos na residência do poeta, na Rua Natal 17, já era noite e ele estava deitado em sua rede na sala. Apesar disso, ele veio ao nosso encontro, apresentamo-nos e explicamos o motivo da visita, a qual Chico já havia anunciado anteriormente.

Figura 09 - Entrevista com Antônio Teixeira

Foto: Arquivo pessoal

Sentamos na sala junto com Antônio Teixeira e Chico Barbosa, preparamos o celular para a gravação e, como sempre levávamos a viola para as entrevistas, tratamos de entregá-la nas mãos de Antônio. Estava bem desafinada, mas, enquanto conversávamos, ele tentava afiná-la, sem muito êxito. Fomos elaborando as perguntas e, após ele assinar o termo, a entrevista foi fluindo em uma conversa bem informal.

Antônio possui uma voz potente, é muito boêmio (assim se descreve) e desde cedo despertou seu interesse pelo violão. Por questões financeiras muito comum na época, não pôde possuir um. Dessa forma, ele mesmo construiu um com uma cabaça e tocava alegrando as multidões. Em suas palavras, nota-se o amor pela cantoria e ficamos impressionados com nosso diálogo. Infelizmente, era preciso encerrar, pois ainda havia um último cantador para

entrevistarmos. Agradecemos a oportunidade e pedimos a Chico que registrasse o momento. Fizemos uma despedida e saímos em direção à casa de João Batista.

Figura 10 - Entrevista com João Batista (à esquerda)



Foto: Arquivo pessoal

Chegamos na residência de João Batista, na Rua Sinhá Saboia, e fomos recebidos por sua esposa, pois o poeta é evangélico e estava no templo orando. Sentamos para aguardá-lo e Chico já se encontrava impaciente, pois havíamos tomado café oferecido pela anfitriã. Depois de esperarmos algumas horas, a figura de João Batista apareceu, um homem bem alinhado e bastante educado. Logo que explicamos o motivo da visita, ele tratou de mostrar, com muito orgulho, suas duas violas, uma dinâmica e outra caipira, contou-nos de suas façanhas quando residiu no Maranhão e do amor pela cantoria. Antes de começarmos a entrevista, João recitou os seguintes versos de sua autoria.

Eu sou João Batista
Cantador que o povo apoia

Cobra braba salamanta
 Brigando com uma jiboia
 Cascavel envenenada
 Do bairro Sinhá Saboia

João é dono de um acervo impecável de fotografias com inúmeros cantadores. Ele também gosta de compor canções e depois da entrevista cantou uma de suas composições sobre uma tragédia que ocorrera em sua família, narrando a história do cavalo de estimação do seu pai, José Duarte. O poeta emocionou-se ao cantar a canção sobre o cavalo andorinha, o que nos deixou também bastante emotivos. Essa foi a entrevista mais duradoura. Infelizmente, fomos interrompidos, algumas vezes, por barulhos externos da rua, mas que não comprometeram em nada o conteúdo das gravações.

Concluída nossa prazerosa missão, despedimo-nos, já com saudades de João Batista, que nos fez prometer que voltaríamos outras vezes, assim como Chico Barbosa nos advertiu que deveríamos visitá-lo novamente. Retornamos até a residência de Chico e no caminho ele recitou vários versos de poetas renomados como Sebastião da Silva, ao qual deixaremos uma décima com o mote “Por ventura há na terra algum vivente/Que não traga consigo uma saudade” para deleite do leitor.

Senador, deputado e nem prefeito
 Nem também presidente da república
 Chapeado o poder da ordem pública
 Todo mundo na terra está sujeito
 A passar esta crise, este efeito
 Que é como uma faca de maldade
 Que ao nosso peito aos poucos invade
 E entra tão devagar que ninguém sente
 Por ventura há na terra algum vivente
 Que não traga consigo uma saudade?

Entrevistados os cinco repentistas, alegramo-nos pelo conteúdo gerado nesses encontros. Percebemos que o questionário, elaborado da mesma forma para todos, resultou em um compêndio de informações valiosas que diferem e se costuram, memórias que tecem a história do repente em Sobral, que se misturam à própria história dos cantadores, pois eles são

os protagonistas, do ontem, do hoje e, certamente, do amanhã, pois a força do canto e o baião de suas violas jamais silenciarão.

4.5.2 Panorama das falas dos entrevistados

1) Como nasceu seu interesse pelo repente?

João Tobias	“O meu interesse pelo repente nasceu ainda nas serras das matas ouvindo alguns cantadores que passavam lá no nosso sítio, onde eu fui criado...”
Antônio Ponte	“Bom, a minha família pela parte da minha mãe sempre foi entrosada com cantorias naquele tempo eu pivete, mas tinha os cantadores que passavam lá no nosso sertão de Irauçuba e aquilo sempre animava a gente, que eu não sabia mas já era a poesia que estava em mim”.
Chico Barbosa	“Eu nasci, na região que eu nasci passava muitos cantadores, naquela época tinha João Adriano, muitos cantadores! Lá aonde eu nasci na fazenda Espírito Santo, município de Monsenhor Tabosa, aí a minha mãe também era poetisa, ela escreveu diversas poesias, coisinha do sertão mesmo, aí eu acho que devido ela ser esse gênio poético eu acompanhei”
Antônio Teixeira	“Rapaz...é, eu de menino logo, eu comecei a ouvir uns pessoal que morava vizinho a nós, cantores eles cantavam romances né, mas faziam verso, engraçados, sabe? Outro dia eu tava imaginando que se eles tivessem cantado mermo na televisão tinha dado bom demais, mas eles nem ligavam só faziam verso, mas bom, pois bem, aí eu interessei.”
João Batista	“Manoel Albino Patativa ele era de Quixadá, viu? E a mulher dele também era poetisa e aí conversando e tal, chegou certo que a mulher era da minha família aqui do Ceará era daqui do Monsenhor Tabosa, viu? E aí me convidou pra ficar com ele, passei ficar com ele, ele ele era bom cantador e ali eu comecei, meu jovem, já tinha aquela paixão pela viola, aí entrei na poesia graças a deus e até hoje graças a Deus muito feliz”

2) Quando começou sua trajetória na cantoria e como era a cidade de Sobral?

João Tobias	“A cidade de Sobral era uma cidade já movimentada, a cidade de Sobral nunca foi muito “apologética” a nossa profissão, nós temos cidades que é mais infiltrada, ricos, pobres, todas as classes, aqui, nós tinha as classes alguns da classe maior, por exemplo, o que gostava muito era José Nilson Ferreira Gomes, era médico, era oculista José Nilson Ferreira Gomes”
Antônio Ponte	“Eu comecei em 74, 1974 depois de um bom inverno, e tinha aqui os poetas como eu falei cantando em programa de rádios, e nas cantorias e isto foi que me incentivou”
Chico Barbosa	“naquela época apresentado pelo Tobias Alves, e aí eu fui me chegando com eles ali e fui me misturando e tal e fiquei aqui, até hoje.”
Antônio Teixeira	“Era ... rapaz quando eu cheguei aqui em Sobral há uns quatro ou cinco anos que eu tava aqui tinha, nós éramos 18 violeiro, pois bem, aí após passado o tempo, aí tinha cantoria aqui em Sobral muita cantoria, em Sobral”
João Batista	“era difícil a pessoa possuir um rádio, viu? Num tinha aquele o telesparque, os glub... era difícil quando tinha um rádio numa fazenda, de noite em quantidade era muita gente pra ir pra assistir aquilo ali, viu? Era cantoria mermo o cabra cantava começava sete ou oito hora da noite e ia até no outro dia, bem cedo, eu cansei de chegar e cantar até sete oito hora”

3) O senhor tem alguma lembrança das músicas tocadas nos rádios locais?

João Tobias	Ah! Naquela época tinha, nas rádios cantava Luiz Gonzaga, cantava o ... cantava vários daquela época, Nelson do acordeom, o Nelson Gonçalves, veio aqui, Waldick Soriano
Antônio Ponte	Bom eu me lembro, aqui tinha, tinham programas bons, programas musicais, aqui nós tinha , tivemos na rádio tupinambá o Guajaráldine fazendo, fazendo o “varandão da fazenda” só com forró, forró solado, de muitos sanfoneiros bons e cantados como Luiz Gonzaga, Messias Holanda, é Coronel Ludgero, essa coisa assim

Chico Barbosa	Tinha aqueles programas Sertanejo, como “terreiro da casa grande” “Alegria na fazenda” “aboio sertanejo” aí tinha na rádio tupinambá o programa “varandão da fazenda” que era apresentado pelo Guarajacialdine era o mais ouvido e o “seu presente é música”
Antônio Teixeira	Rapaz, tocava muito as músicas de Waldick Soriano, na época era Waldick sabe? Waldick Soriano, era ... até Roberto ... Teixerinha, Roberto Carlos, Roberto começou também, Nelson Gonçalves, é, aquele Orlando Dias também, e ... aquele, como é um moreno que tinha também? O Agnaldo Timóteo que agora faleceu.
João Batista	Não, naquela época era a época do “varandão da fazenda” era, só música sertaneja mermo, era o pé de serra, era o xote da Carolina né? Os forró né? Essas coisa, Zé Marcolino, aqueles forrozão doido pisa pilão e aquele negócio.

4) O que o senhor ouvia?

João Tobias	Nessa época o que eu ouvia, eu, tive...gostava de algumas músicas dos cantores, mas eu não cantava, nenhum cantador canta música dos cantores.
Antônio Ponte	Naqueles tempos era o forró , o forró ao vivo principalmente, tinha uns programa com sanfoneiros ao vivo, e dentro do programa de sanfona aparecia duplas de violeiros, como Chico Barbosa, Raimundo Thomé , Zé Duda da Paraíba, Zé Pereira, Zé Thomaz e muitos outros.
Chico Barbosa	Aí música naquele tempo era com Luiz Gonzaga, Noca do Acordeom, tocava muitas músicas, eu ouvia mas nunca me interessei assim com negócio de música não, acho bonito, ainda hoje eu gosto mas nunca me meti a cantar.
Antônio Teixeira	Ouvia as música do Waldick Soriano, de Roberto Carlos e esses cantores que falei tudinho.
João Batista	Eu...ah, eu toda vida fui apaixonado por música, forró, qualquer música, viu? Toda vida!

5) O senhor conseguiu viver de cantoria?

João Tobias	Consegui! Eu vivi de cantoria 20 anos.
Antônio Ponte	Eu vivo dela até hoje, sou um profissional legítimo mesmo com o pouco incentivo que eu tenho aqui das autoridades, mas sempre eu fui um baluarte porque eu botei um programa no ar no dia 16 de novembro do 76, e ainda estou até hoje e este programa foi quem me sustentou até agora , o programa Violas e repentes das 16 às 17hs na rádio educadora do nordeste é o canal 950.
Chico Barbosa	Eu vivi de, de, de 64 praticamente até hoje.
Antônio Teixeira	Eu? Consegui viver ... rapaz cantoria realmente a pessoa se disser que num gosta que num gostou de cantoria é louco ...
João Batista	A minha vida toda, eu vivi de cantoria.

6) Qual sua profissão?

João Tobias	Aí comecei na cantoria comprei umas máquinas fotográfica e passei a tirar fotografias, me ajudou muito na profissão de cantador que era uma que eu não queria deixar.
Antônio Ponte	Eu vivi, eu tive outras profissões eu misturei, eu fui, eu trabalhei em farmácia 21 anos, aqui na farmácia Rodolfo e trabalhei em construções, na construção civil, eu trabalhei muito nisso, e assim estou vivendo.
Chico Barbosa	A profissão que eu agarrei mermo é a viola.
Antônio Teixeira	Cantador!
João Batista	É a viola mermo!

7) Como foi o acesso do senhor ao seu instrumento? Onde comprou? Conhecia alguém em Sobral ou região que fabricava esse tipo de viola?

João Tobias	Nesse tempo eu morava em Monsenhor Tabosa no sítio no município de Monsenhor Tabosa, eu não conhecia Sobral e não sabia se tinha comércio, tinha um fabricante de violão em Ipueiras, era só conhecido mas eu comprei um violão vizinho.
-------------	--

Antônio Ponte	Não, quando a gente começa a gente se apega a qualquer instrumento, violãozim, eu me lembro que meu primeiro violão eu comprei lá na serra da Meruoca, violãozinho preto muito boca de louça, muito sem futuro, mas pra mim, naquela época já era uma grande coisa.
Chico Barbosa	Não, Sobral nunca teve, eu a minha primeira viola eu comprei lá mermo na região que eu fui nascido, ali no município de Monsenhor Tabosa.
Antônio Teixeira	Rapaz o meu primeiro instrumento foi comprado em Canindé, na Casa Campos, uma viola muito ruim de mais, mas ... mas ela foi nova.
João Batista	Não aqui nesse tempo a viola, viola já existia, viola ninguém sabe, que essa viola ela nasceu em Portugal, primeira viola do mundo cê sabe quem fez? Foi feito coxo, pau na mata de Portugal lá tinha um pau quando bate, batia ela se desse som dava som, viu? Lá fazia a viola, a viola de coxo, e as cordas da viola você sabe de que era? Tripa de pescada, ali eles fazia aquele violão ali daí foi aperfeiçoando.

8) Como o senhor via ou vê a presença de repentistas em Sobral e região?

João Tobias	Hoje eu sei que o Antônio Pontes, e outro, estão vivendo, (agora tão parado) mas tão vivendo da cantoria, em modéstia parte, está melhor do que no meu tempo, sabe por quê? Naquele meu tempo a gente fazia cantoria em certas regiões, cantoria convidado com 200 pessoas, 300, 150, 300 ou mais e, até as vez até com a lamparina a gás ou assim acendido em todos os cantos do ambiente, você as vexes cantorias campais você sentava ficava uma perda de gente com distancia de 30 a 40 metros e você tinha que dá um grito, ter uma voz que todo mundo ouvisse, não era pra deixar ninguém, cantador que tinha pouca voz tinha menos sucesso.
Antônio Ponte	Sobral já foi, já foi berço de 28 cantadores morando aqui, 28, mas devido como eu falei à falta de incentivo da secretaria de cultura, do município, até mesmo do comércio se você botar um programa no ar e for pedir uma propaganda se for dizer que é pra violeiro o dono já torce a cara por acolá, mesmo com a audiência que a gente tem, mas a gente

	sofre isso, então é o que acontece é que eu botei meu programa no ar pela confiança da minha amizade, né isso? É por isso que estou até hoje ininterruptamente.
Chico Barbosa	É, aqui sempre foi fraco, antigamente devido ter muitos cantadores exploraram sempre a região, faziam as cantorias né? Mas toda vida foi assim um povo da região não apoiam muito, quem tem condição de apoiar, tem as pessoas que gostam que não deixam de gostar.
Antônio Teixeira	Rapaz hoje eu vejo a presença de alguns repentistas o povo até vivendo bem, uns violeiros, cantando bonzinho também né? Tem Fortaleza, tinha muito cantor e hoje ainda tem né? E quase todas cidades, daqui.
João Batista	Aqui é bom demais, aqui teve um dos maiores cantadores aqui viu? Naquela época cantor, aqui teve aqui os cantadores aqui mais antigo, João Paulino de Medeiros, Zé Pereira de Lima, os mais antigos né, Luiz Eufrásio de Sousa, João Saldanha, João Saldanha era um Paraibano.

9) Sobre os festivais de viola na região, o senhor participou de algum?

João Tobias	Particpei, particpei fez um aqui mas era, era um showzinho só pra quatro violeiros ... sei que foi na rádio tupinambá, o Terilho Teixeira ainda era vivo foram os julgadores, o padre Palhano e não me lembro qual foi o outro, esse eu tive o primeiro lugar com o cantor Valderi que não era grande o cantor mas me acompanhou
Antônio Ponte	Muitos, particpei de muitos, em Teresina, em Brasília, em Campina grande, Fortaleza, particpei de festival até no estado de Pernambuco, em Bom Conselho, depois de Caruaru, eu particpei de muitas coisas em todo Brasil, principalmente no Nordeste, Em Sobral eu particpei de vários promovidos por mim, e a gente participou juntamente as melhores duplas do Brasil eu já trouxe a Sobral, para participar conosco.
Chico Barbosa	Todos que tiveram por aqui, que aqui em Sobral nunca teve um festival de viola, assim uma apresentaçõzinha com três, assim aquele negócio, cantoria, mas assim um festival mermo ... mas sempre eu particpei de tudo né?

Antônio Teixeira	Rapaz, os festivaizinhos que houveram aqui não foram nem muitos festival mermo, aqui em Sobral é a única cidade que quase não tem festival mesmo, bem “esplandido”.
João Batista	Muito, participei de muitos festivais aqui em Teresina, São Luiz do Maranhão, viu? Em Imperatriz, tudo festival, em Sobral teve muitos todos que tivemos participamos.

10) O que o senhor pensa sobre essa sua atividade de cantoria?

João Tobias	Eu como disse troquei a profissão do comércio, foi muito, me rendeu muito, mas me deu mais dor de cabeça ... aí eu quero dizer que a minha melhor profissão mesmo foi a de cantador.
Antônio Ponte	O que eu penso pra Sobral aonde eu moro? Que ela está muito pequena, repito a terceira vez, por falta de incentivo, aqui ninguém tem um incentivo pra fazer um festival, aqui ninguém tem um incentivo pra trazer uma dupla de fora, duas dupla pra fazer um “pé de parede”.
Chico Barbosa	Eu quero que a cantoria nunca se acabe, mas também num cresce mais não, aqui na região é a gente pelejando pra segurar, o Antônio ponte tem esse programa na rádio educadora que ele é o diretor dos programas violas e repentes, a rádio educadora sempre dá uma cobertura, de um certo tempo pra cá a prefeitura e a casa da cultura também dá um incentivozim pra ajudar por ali, mas as autoridades não têm vontade.
Antônio Teixeira	Rapaz eu acho bom ... eu acho é bom cantar um divirtimentozim, sabe? Mesmo agora parado é meio ruim mas a gente ainda assiste muito violeiros pelo celulares, violeiros bons, dois eu assisto muito aí, Deus quando parar isso aí a gente vai cantar, se não parar a gente vai cantar.
João Batista	Muito bom demais, pra mim Ave Maria, pra mim e pra todos cantadores, só que caiu de mais uns 90 e pouco por cento e com essa pandemia que entrou essa que lascou mermo.

4.6 Análise de dados

Neste item, iremos analisar as informações obtidas através da coleta de dados e apresentadas anteriormente. O método utilizado será a análise do conteúdo, observando os pontos mais significativos. Dessa forma, facilitará a compreensão do assunto abordado.

Trataremos das questões que se referem ao fazer repentista na cidade de Sobral, trazendo as categorias de análises que foram utilizadas, tais como: o interesse pelo repente, a trajetória na cantoria, como era a cidade de Sobral, lembranças de músicas tocadas no rádio, o que eles ouviam, se conseguiram viver da cantoria, acesso ao instrumento, como eles veem a presença de repentistas em Sobral e região, participação em festivais e como enxergam a própria atividade.

Em relação ao interesse pelo repente, os cantadores foram unânimes em ressaltar a influência de outros repentistas. Todos relataram que, ainda na infância, contemplavam os repentistas de suas regiões e criaram gosto. Podemos afirmar que o repentista nasce a partir do processo de observação e repetição do fazer dessa arte. Nesse sentido, João Tobias³⁶ diz que seu interesse nasceu “ainda nas serras da mata, ouvindo alguns cantadores que passavam lá no nosso sitio”. Já Antônio Ponte³⁷ afirma que sua mãe sempre teve acesso à cantoria: “minha mãe sempre foi entrosada com cantorias naquele tempo eu pivete, mas tinha os cantadores que passavam lá no nosso sertão de Irauçuba e aquilo sempre animava a gente”. O poeta Chico Barbosa³⁸ lembra que sua mãe fazia versos e que ele via os cantadores na fazenda onde nasceu. Antônio Teixeira³⁹ nos diz que ouvia os seus vizinhos cantadores na infância cantando romances e fazendo versos engraçados. Por fim, João Batista⁴⁰, ao morar no Maranhão, conheceu um cantador de Quixadá, que cantava bem, e foi dessa forma que ele aprendeu o ofício.

Quando interrogados sobre como era Sobral no início de suas trajetórias, os cantadores apontaram aspectos diferentes sobre os pontos de vista em relação à cidade. João Tobias e Antônio Ponte afirmaram que Sobral nunca foi uma cidade com inclinações para o repente. Chico Barbosa relata que havia alguns cantadores quando chegou em Sobral, em 1966, e diz que o programa da rádio Educadora “Terreiro da casa grande”, apresentado por Tobias Alves, ajudou-lhe a se entrosar com os repentistas locais. Antônio Teixeira afirma que, ao

³⁶ João Tobias, 79 anos, Cantador Aposentado - Sobral/CE. Entrevista realizada em 1 de junho de 2021, Sobral/CE.

³⁷ Antônio Ponte, 69 anos, Cantador e locutor do Programa Violas e Repentes da Rádio Educadora do Nordeste - Sobral/CE. Entrevista realizada em 2 de junho de 2021, Sobral-CE.

³⁸ Chico Barbosa, 73 anos, Cantador Aposentado - Sobral/CE. Entrevista realizada em 2 de junho de 2021, Sobral/CE.

³⁹ Antônio Teixeira, 70 anos, Cantador - Sobral/CE. Entrevista realizada em 3 de junho de 2021, Sobral/CE.

⁴⁰ João Batista, 80 anos, Cantador Aposentado - Sobral/CE. Entrevista realizada em 3 de junho de 2021, Sobral/CE.

chegar, em 1969, havia 18 cantadores e na cidade aconteciam muitos eventos de cantoria, além de serem chamados para cantarem nos municípios próximos: “aí tinha cantoria aqui em Sobral muita cantoria, em Sobral mesmo, mas a gente cantava muito fora, é claro que tinha mais cantoria, muita cantoria mesmo” (ANTÔNIO TEIXEIRA, 70 anos, Entrevista realizada em 03/06/2021 - Sobral-CE).

João Batista explica que, em 1958, a cantoria era a única diversão. As pessoas não tinham acesso ao rádio e os eventos de cantoria duravam toda a noite. Não existiam canções, os repentistas cantavam romances longos e, nas palavras de João, os cantadores não eram perfeitos como hoje, mas naquela época o que se tocasse agradava pela carência de eventos.

A partir da fala dos nossos entrevistados, observamos que o contexto de Sobral para a cantoria, aparentemente, foi favorável no passado, mesmo com as afirmações negativas de Antônio Ponte e João Tobias, pois ambos citam o rádio como um elemento indispensável para a divulgação da cantoria no início de suas trajetórias. Assim, suas falas evidenciam que havia mais programas de cantoria, logo, entende-se que a demanda de repentistas também era maior.

Sobres as canções tocadas na época, um fato interessante que nossos entrevistados citaram trata-se do programa de rádio, apresentado por Guajaracialdine, chamado “varandão da fazenda”. Pela descrição dos poetas, tratava-se de um programa popular da rádio Tupinambá em que tocavam os mais variados gêneros da música e os intérpretes que mais se destacavam eram Luiz Gonzaga, Messias Holanda, Coronel Ludgero e, dentro desse contexto, os repentistas também tocavam ao vivo. Os cinco cantadores relataram memórias do programa quando questionados sobre o que eles ouviam. As respostas foram diversificadas, mas todos afirmaram não cantar música de outros cantores. Nas palavras de João Tobias: “gostava de algumas músicas dos cantores, mas eu não cantava, nenhum cantador canta música dos cantores” (JOÃO TOBIAS, 79 anos, Entrevista realizada em 02/06/2021 - Sobral-CE).

Antônio Ponte nos revela que, na época, o forró era unânime, e menciona os programas com sanfoneiros tocando ao vivo. Chico Barbosa diz que ouvia música, mas nunca gostou de cantar: “*Tocava* muitas músicas, eu ouvia mas nunca me interessei assim com negócio de música não, acho bonito, ainda hoje eu gosto mas nunca me meti a cantar” (CHICO BARBOSA, 73 anos, Entrevista realizada em 02/06/2021 - Sobral-CE). Antônio Teixeira costumava escutar Roberto Carlos e Waldick Soriano. Já João Batista afirmou que ouvia de tudo, pois sempre foi apaixonado por música.

O repertório ouvido pelos cantadores certamente era o que os programas de rádio disponibilizavam na época, visto que havia espaço para apresentação de repentistas. Muito

provavelmente, essa ação permitia que a cantoria chegasse aos ouvidos da população sobralense com mais facilidade.

Mesmo exercendo outras atividades, nossos repentistas não renunciaram ao repente. Quando interrogados sobre a profissão e se conseguiram viver da cantoria, todos afirmaram orgulhosamente que sim. João Tobias, durante muito tempo, foi fotógrafo. Antônio Ponte trabalhou na construção civil e em farmácia. Chico Barbosa foi caminhoneiro. Antônio Teixeira e João Batista sempre viveram exclusivamente do repente.

Observamos nas falas de nossos entrevistados que exerceram outra profissão, além da cantoria, que eles não expressaram felicidade quando mencionaram as outras profissões, que certamente serviram muito mais como um suporte para subsistência de suas famílias, como no caso de Chico Barbosa, que é aposentado como Caminhoneiro, mas que prefere ser chamado de cantador, afirmando que sua profissão é repentista. Antônio Ponte, que vive de cantoria até os dias de hoje, e que se considera um baluarte, bem como João Tobias que, mesmo aposentado, não deixa a viola. É como se a cantoria fosse, para esses poetas, um templo e a viola a oração.

Sobre o instrumento, constatamos que Sobral não fabrica violas, e os repentistas afirmam que na região não há quem construa. João Tobias nos conta que seu primeiro instrumento foi comprado por seu pai em Monsenhor Tabosa-CE. Tratava-se de um violão, e não viola. Antônio Ponte comprou seu primeiro violão na serra da Meruoca e, segundo suas palavras, era um “violão meia boca” de péssima qualidade. Chico Barbosa também comprou sua violinha de oito cordas que, em sua descrição, era muito “ruinzinha”. Antônio Teixeira teve sua primeira viola comprada em Canindé por seu Pai, a qual ele diz ser ruim demais apesar de nova. João Batista diz que em Sobral nunca teve viola, pois se arranjava com o violão adaptado.

Destacamos que os entrevistados, no início de suas profissões, utilizavam violões adaptados para fazer repente, e a viola dinâmica era inacessível na época. Geralmente, esses instrumentos são artesanais e muito caros. Hoje em dia, Antônio Ponte possui uma viola dinâmica que comprou em sua viagem a cidade de São Paulo na fábrica Delvecchio. Chico Barbosa também dispõe de uma semelhante da mesma fabricante. Dos cinco repentistas, apenas João Tobias usa o violão, provavelmente pelo fato de já não atuar como cantador ou por opção própria.

Chegando ao fim desta análise, trataremos agora sobre como os entrevistados veem a presença de repentistas em Sobral. Na visão de João Tobias, a cantoria, hoje em dia, está muito melhor por conta dos equipamentos disponíveis para se fazer um evento. O uso de caixas de som, microfones, meios de transporte, trouxeram praticidade à vida do cantador, que antes precisava cantar à noite toda sem aparatos tecnológicos. Em sua narrativa, Tobias revela que o

cantador antigamente viajava a pé, não havia luz elétrica, faróis de gás eram utilizados para iluminação e o público só se recolhia quando o dia clareava. Nos dias atuais, a cantoria segue, no máximo, até meia noite. O cantador recebe seu cachê e retorna para casa no seu veículo.

Ao interrogarmos Antônio Ponte, ele nos conta que Sobral já foi berço de vinte e oito cantadores, porém, por falta de incentivo da secretaria de cultura, o repente hoje em dia encontra-se defasado. Antônio reclama da falta de patrocínio para o seu programa na rádio e afirma que só consegue mantê-lo por conta de suas amizades. Chico Barbosa diz que Sobral sempre foi fraco, mas, como na região havia muitos cantadores, as cantorias aconteciam com frequência. Para Chico, apenas a classe mais humilde apoia os cantadores.

Antônio Teixeira vislumbra o cenário de forma mais otimista, pois, segundo ele, os violeiros vivem bem, estão cantando melhor e há cantadores em quase todas as cidades. Ele cita os colegas de profissão Chico Barbosa, Antônio Ponte, e sua cidade natal, Irauçuba, como um polo de repentistas. João Batista tem a mesma percepção de Antônio e com ares de alegria diz que Sobral é muito bom, citando cantadores da geração passada alegando que Sobral foi detentora de grandes nomes da cantoria, como “João Paulino de Medeiros, Zé Pereira de Lima, os mais antigos né, Luiz Eufrásio de Sousa, João Saldanha, João Saldanha era um Paraibano” (JOÃO BATISTA, 80 anos, Entrevista realizada em 03/06/2021 - Sobral-CE).

Na ótica de alguns dos entrevistados, o contexto do repente em Sobral nunca foi dos melhores, porém Antônio Teixeira e João Batista afirmaram que, tanto no passado como no presente, a região sempre fora favorável. Ambos são otimistas quando questionados sobre o cenário atual da cidade.

Em relação a Tobias, este vê o repente favorecido pela praticidade das tecnologias atuais que, em sua fala, elevam a qualidade da cantoria, muito mais no sentido da prática do evento, talvez por ser, dos cinco repentistas, o único a não mais exercer a cantoria. Sua visão sobre o cenário em Sobral é que já não se consegue o mesmo vislumbre de seus companheiros atuantes. O mesmo discurso não é válido para Antônio Ponte e Chico Barbosa, que veem a diminuição do repente na cidade.

Os festivais de cantoria são uma prática comum nas capitais do Nordeste e em algumas cidades do interior. Vejamos agora a narrativa dos nossos menestréis da poesia sobre a participação nesses eventos. João Tobias contou já ter participado em Sobral de um pequeno festival pela rádio Tupinambá, do qual não recorda o ano. Segundo ele, foram quatro repentistas: “José Thomaz de Lima, e Zé Duda da Paraíba que era paraibano veio do Rio morou muitos anos em Sobral e João Paulino de Medeiros que era também policial e eu fazendo o quarto era os nomes maiores” (JOÃO TOBIAS, 79 anos, Entrevista realizada em 01/06/2021 -

Sobral-CE). Tobias e o cantador Valdeir venceram o festival julgado pelo padre Palhano e outro jurado que a memória de João já não recorda. Antônio Ponte, além de exímio repentista, conta-nos que já participou de festivais pelo país e no Nordeste:

Muito, participei de muitos, em Teresina, em Brasília, em Campina Grande, Fortaleza, participei de festival até no estado de Pernambuco, em Bom Conselho, depois de Caruaru, eu participei de muitas coisas em todo Brasil, principalmente no Nordeste, Em Sobral, eu participei de vários promovidos por mim, e agente participou juntamente as melhores duplas do Brasil eu já trouxe a Sobral, para participar conosco, Aproximadamente, eu fiz vários festivais assim como fiz várias cantorias com Ivanildo Vila Nova, com Geraldo Amâncio, com Severino Ferreira, Sebastião Dias, com Benoni Conrado e muitos outros isso naquela época de 80, na época de 90 nessas mediações (ANTÔNIO PONTE, 69 anos, Entrevista realizada em 02/06/2021 - Sobral-CE).

Chico Barbosa também participou de inúmeros festivais, porém, em sua narrativa, ele contradiz Antônio Ponte, afirmando a inexistência de festivais na região. Chico descreve apenas pequenos eventos de cantorias com cantadores mais conhecidos:

Todos que tiveram por aqui, que aqui em Sobral nunca teve um festival de viola, assim uma apresentaçõzinha com três, assim, aquele negócio, cantoria, mas assim um festival mermo ... mas sempre eu participei de tudo né? Essas apresentação que teve como Ivanildo e Sebastião dias, Ivanildo e Raimundo Caetano, Moacir laurentino e Sebastião da Silva, cantaram todos por aqui mas em cantoria assim, festival muito pouco, mas eu participei de festivais em Camocim, em Tianguá, em Fortaleza, em Brasília, em Campina Grande, todos eu participei por aí, Mossoró, no Rio Grande do Norte, Limoeiro do Norte, participei de muitos festivais, Camocim participei diversos (CHICO BARBOSA, 73anos, Entrevista realizada em 02/06/2021- Sobral-CE).

Antônio Teixeira também enfatiza o fato de Sobral não ter grandes festivais, apenas pequenas apresentações. O poeta cita o festival anual em Camocim, do qual todo ano ele participava. Havia também festivais em Itapipoca e Irauçuba. O poeta João Batista diz ter participado de muitos - em Imperatriz quando residiu no Maranhão e os que tiveram na região. “Muito, participei de muitos festivais aqui em Teresina, São Luiz do Maranhão, viu? Em Imperatriz, todo festival, em Sobral teve muitos todos que tivemos participamos” (JOÃO BATISTA, 80 anos, Entrevista realizada em 03/06/2021 - Sobral-CE).

A questão dos festivais em Sobral parece levantar dúvidas, pois Antônio Ponte defende que foi organizador de vários. No entanto, Chico Barbosa discorda de forma severa e diz que os festivais de Sobral nada mais eram do que apresentações com alguns cantadores renomados. Na fala de Tobias, trata-se de um festival apresentado na rádio, uma disputa entre quatro cantadores e que João caracteriza como festival. Antônio Teixeira se refere aos festivais na região, porém diz não haver festivais em Sobral. João Batista afirma ter participado de todos.

Nesse sentido, é preciso compreender o que caracteriza um festival. As falas dos repentistas se apresentam conforme suas vivências, isto é, o que cada um considera de forma

individual. Para alguns, o festival é um evento de grandes proporções, enquanto que, para outros, a apresentação com quatro violeiros também é. A observação do autor como pesquisador é que, em alguns momentos, esses eventos de cantoria aconteceram em Sobral. Os cantadores, como realizadores dessa arte, podem ou não valorizar o evento. Em outras palavras, a visão de quem participou e organizou o evento é diferente da visão de quem apenas participou, pois são medidas diferentes e nossa função é apresentar os fatos. Evidentemente, com relação à questão dos festivais em Sobral, há divergências, mas o fazer da cantoria se sobrepõe, mesmo que de forma ínfima, já que eles aconteceram e a fala dos repentistas são suficientes para a constatação dos fatos.

Chegamos ao final desta análise interrogando os cantadores sobre o que eles pensam sobre a atividade da cantoria. Suas respostas nos emocionam pela descrição do amor que eles nutrem pela arte do repente. Todavia, suas falas também carregam a frustração pelas dificuldades enfrentadas, tais como a falta de incentivo, narradas por Antônio Ponte e Chico Barbosa, que concordam que a falta de apoio tem dificultado a vida dos cantadores na cidade de Sobral.

Na imagem narrada por João Tobias, ele se alegra por ter sido cantador e se compara a Roberto Carlos, contando que, quando jovem, as pessoas queriam conhecê-lo e o admiravam. Ele possuía fãs e, em sua percepção, a melhor profissão que teve foi a de cantador.

Eu como disse troquei a profissão do comércio, foi muito, me rendeu muito, mas me deu mais dor de cabeça ... aí eu quero dizer que a minha melhor profissão mesmo foi a de cantador, nesse tempo eu era novo, era bonito, era bem visto, o povo tinha vontade de me conhecer, como tem vontade de conhecer o Roberto Carlos, mesmo na idade que ele tá, mas se ele visse sair um show aqui na praça todo mundo vai, acredito que vai né? E eu digo que eu alcancei na região do Ceará as maiores cantorias, eu tenho um nome que me deu isso, não é, são todos cantadores que fazem cantoria grande, mas eu fiz as maiores cantorias (JOÃO TOBIAS, 79 anos, Entrevista realizada em 1 de junho de 2021, Sobral/CE).

É perceptível a emoção expressa na narrativa de Tobias, haja vista o valor que ele atribui a sua arte e como esta simboliza a verdadeira face do cantador quando ele diz que protagonizou no Ceará as maiores cantorias e que este feito lhe deu um nome e que não são todos os cantadores a alcançar tal façanha.

Antônio Ponte descreve com tristeza sua atual situação como cantador e faz uma narrativa crítica. O desestímulo é perceptível quando ele diz que, caso seu programa de cantoria chegasse ao fim na cidade, possivelmente a cantoria em Sobral também seria extinta.

Para Antônio Ponte, a falta de incentivo é a principal causa da pouca incidência da arte na cidade. Chico Barbosa concorda quando em suas palavras diz que gostaria que a cantoria nunca acabasse, mas também afirma que em Sobral ela não progride. O poeta descreve seu fazer

repentista de bom grado porque ele gosta de fazer repente, mas as autoridades não permitem que a cantoria cresça.

Eu quero que a cantoria nunca se acabe, mas também num cresce mais não, aqui na região é a gente pelejando pra segurar, o Antônio Ponte tem esse programa na Rádio Educadora que ele é o diretor dos programas violas e repentes, a Rádio Educadora sempre dá uma cobertura, de um certo tempo pra cá a prefeitura e a casa da cultura também dá um incentivozinho pra ajudar por ali, mas as autoridades não têm vontade que cresça não, a gente segura assim, como o Antônio Ponte tem segurado este programa dele, mas se fosse esperar pelo povo, ele é porque dá certo, tem os patrocinadores dele que seguram por ali, mas se soltar é como ele diz se soltar não pega mais. Eu faço porque gosto, enquanto eu puder falar, e de fazer um repetezim eu num deixo de fazer não, que seja bom que seja fraco, mas eu seguro a viola (CHICO BARBOSA, 73 anos, Entrevista realizada em 2 de junho de 2021).

O poeta Antônio Teixeira se sente realizado ao dizer que acha bom cantar e que, mesmo agora na pandemia, ele utiliza o recurso do celular para ver os cantadores. O poeta manifesta sua fé em Deus e acredita que tudo irá passar.

João Batista também relata as dificuldades enfrentadas na pandemia, mas diz que a cantoria foi um acontecimento positivo em sua vida. Mesmo o cenário hoje não sendo tão favorável como antes, ele assegura que todas as suas conquistas financeiras e pessoais se deram através do repente e que não há nada para reclamar da poesia.

Muito bom demais, pra mim Ave Maria, pra mim e pra todos cantadores, só que caiu de mais uns 90 e pouco por cento e com essa pandemia que entrou essa que lascou mermo, cantador num tem mais aquilo o mermo ... que sabe o cantador é um homem que vive da viola mermo é, eu sou muito feliz graça a deus que as coisas que nós temos nós ganhamos com a viola mermo, trabalhando eu cheguei aqui com a base de sessenta e pouco e bem daí dessa casa até ali foi meu, comprei aqui à custa da viola, viajando comprei isso aí por mil e duzentos réis desse homem dessa casa bem aí, fez a primeira casa ali sofrendo, mas a poesia é sagrada, viu? Deus abençoa, viu? Pois é e aí num tenho o que reclamar da poesia (JOÃO BATISTA, 80 anos, Entrevista realizada em 3 de junho de 2021, Sobral/CE).

Todos os cantadores são enfáticos quando atribuem uma dificuldade maior no período da pandemia. Se antes já encontravam empecilhos para se manterem ativos no cenário, no presente, essa dificuldade é duplicada com os tristes eventos causados pelo COVID-19. A cantoria sobrevive de público, de calor humano, dos aplausos da plateia. Esse é o combustível mais importante para os cantadores, é claro, além do complemento financeiro que a arte lhes propõe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa constatou que os repentistas enfrentam dificuldades no fazer de sua arte em Sobral. Os espaços para cantoria são limitados, pois, apenas durante o São João, data sazonal, no período das quadrilhas, é que os cantadores são solicitados pela secretaria de cultura. Durante o ano, eles se mantêm tocando em eventos particulares e a grande maioria na zona rural. Entretanto, com o período de restrição da pandemia que temos vivido, as cantorias, assim como os eventos musicais no contexto geral, foram suspensas.

Nesse sentido, apenas o programa Violas e Repentes, apresentado por Antônio Ponte, torna-se a única opção para os poucos ouvintes de cantoria. Segundo o poeta, este também corre riscos por falta de apoio e de patrocínio. Este ano de 2021, quatro dos cinco entrevistados foram contemplados no edital das artes, fomentado pela secretaria de cultura de Sobral, a saber, Antônio Ponte, João Batista, Chico Barbosa e Antônio Teixeira, o que para os poetas é um grande avanço apresentar-se no formato digital, pois também é uma forma de aquecer a cantoria e manter-se próximo ao público.

Sobre a cantoria em Sobral, podemos afirmar que ela acontece timidamente e seus representantes apresentam-se em um número pequeno. Antônio Ponte alerta para a idade. Ele, como mais novo cantador de Sobral, já está com 69 anos e, segundo sua fala, não há incidência de novos repentistas na cidade, o que nos leva à reflexão de que algo deve ser feito com urgência para a preservação do repente. Entendemos que, se o mais jovem tem 69 anos de idade, é provável que, em uma década, a cidade de Sobral dará por extinta a cantoria.

Uma solução interessante seria um curso de extensão junto à universidade, levando à comunidade uma oficina de cantoria, tendo como mediadores os cantadores. Nessa oficina, poderiam ofertar apreciação dos gêneros, composição, aprendizado dos instrumentos e muitos outros conhecimentos que poderiam ser compartilhados em uma via de mão dupla entre professores, violeiros e alunos. Dessa forma, despertaria o interesse da comunidade acadêmica e preservaria a cultura local.

Quando interrogados se já haviam se apresentado na Universidade Federal do Ceará, os cantadores mencionaram que fizeram isso apenas em algumas apresentações em gincanas nas escolas de ensino médio. Antônio Ponte relatou ter se apresentado uma única vez na UVA - Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Infelizmente, em uma cidade que possui uma escola municipal de música e um Curso Federal de Licenciatura em Música, ressaltando também o curso estadual de Licenciatura em letras da Universidade do Vale do Acaraú, não deveríamos vender os olhos para uma das manifestações e expressões mais ricas do nosso

Nordeste Brasileiro. Ainda é possível reverter a situação, pois o repente continua acontecendo e, certamente, não deixará de existir, pelo menos nos outros municípios do estado, mas os protagonistas sobralenses travam diariamente uma batalha sozinhos, desassistidos pelas entidades governamentais e pela comunidade acadêmica.

Faz-se necessária uma ação junto ao curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará, bem como o curso de Licenciatura em Letras da UVA ou até mesmo os órgãos de cultura da cidade. Podemos trazer esse diálogo como uma forma de encontrarmos soluções que tragam melhorias aos repentistas de Sobral, fomentando a cultura local, conhecendo e, com isso, valorizando ainda mais o contexto musical em que Sobral está inserida.

Concluimos que os repentistas trazem uma percepção única em relação ao sentimento de ser cantador, mas que estes coincidem em muitos pontos. A preocupação com o cenário da cantoria no município, a falta de apoio, as lutas para se manterem no lugar que lhes é de direito, todas essas questões não afetam a principal causa, o fazer da cantoria, que se afirma nas falas dos protagonistas do repente, estes que são os nossos cantadores, patrimônio vivo da cidade de Sobral.

Entendemos o repente como uma ferramenta social em que o cantador, através da poesia, exprime todo o seu conhecimento acerca do mundo. É uma arte cantada que utiliza a viola como um instrumento capaz de disseminar cultura. Seria injusto deixar essa “luz-sonora” da cantoria fenecer em Sobral.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Cego, **O Cantador e o Mito**, 2018, disponível em, <https://tvbrasil.ebc.com.br>, acesso em 07/07/2020.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CASTAGNA, Paulo. Propósitos da pesquisa na universidade. **PETulante, Revista do PET-Música IA/Unesp**. São Paulo: n.4, p.106-116, dez. 2010 / nov. 2011.

CASTRO, Simone Oliveira. **Memórias da Cantoria: Palavra, Performance e Público**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

COSTA Suyane, **Cantador Geraldo Amâncio faz abertura do projeto palavras em live para todo Ceará**, Giro na cidade, 2021, disponível em, <http://gironacidade.com.br>, acesso em 07/07/2021.

CULTURAL, Enciclopédia Itaú, **Zeca Baleiro música**, disponível em <https://www.itaucultural.org.br>, Acesso em 10/08/2021.

DE REPENTE no espaço apresenta Zé Cardoso (RN) e Ivanildo Vila Nova (PE). **Somos todos Paraíba governo do estado**, disponível em www.funesc.pb.gov.br, Acesso em 17/07/2021.

DELVECCHIO, Ângelo, **Nossa história**, Casa Delvecchio, disponível em <https://www.delvecchio.com.br>, acesso em 07/07/2021.

DICIONÁRIO, Grove de música: edição concisa/editado por Stanley Sadie, editora-assistente Alison Latham; tradução Eduardo Francisco Alves- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1994. Tradução de: The Grove concise dictionary of music.

ESCOLA, Brasil, **O que eram os Jesuítas?** Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br>, acesso em, 07/07/2021.

FRAZÃO, Dilva, **Zé Ramalho cantor e compositor brasileiro**. Disponível em <https://www.ebiografia.com>, Acesso em 10/08/2021.

FRAZÃO, Dilva, **Alceu Valença cantor e compositor e cineasta brasileiro**. Disponível em <https://www.ebiografia.com>, última atualização 25/05/2021, acesso em 10/08/2021.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOUAISS, Antônio, 1915-1999, **mini dicionário da língua portuguesa/** [Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no instituto Antônio Houaiss de lexicografia

e bancos de dados da língua portuguesa]. -4.ed.rev.e aumentada. -Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p.1.024.

JESUS DE BRITO, Gracielle Laís De **Cantorias: Relações entre cantadores, ouvintes e temáticas**, Sobral-CE, 2017.

KOELLREUTER, Hans Joachim, **Harmonia Funcional, introdução à teoria das funções harmônicas**, São Paulo-1986.

LIMA Souza, **O que são Cordofones perante a organologia?** SLblogs,2020, disponível em <https://souzalima.com.br/blog>, acesso em 07/07/2021.

LUTHIER, Significado de Luthier, **Dicionário online de Português**,2020, disponível em <https://www.dicio.com.br>, acesso em 07/07/2021.

MARTINS, José Almir de Carvalho, **Violas e Repentes na Cidade de Sobral-CE**,2021, canal do you tube, Almir Martins Musique-se, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CsAroX7yGys>, O Autor.

MATOS FILHO, José Brasil de. **Escola de Música de Sobral: análise de um processo de formação não-intencional de educadores musicais/** José Brasil de Matos Filho. -2014.

MELO, Francisco Dênis. **Os intelectuais da academia sobralense de estudos e letras – ASEL – e a invenção da cidade letrada (1943-1973)** / Francisco Dênis Melo. – Recife: o Autor, 2013.

MELO, Elomar Figueira, **Wikipédia**, disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Elomar>, acesso em 16/07/2021.

OS NONATOS, **Wikipédia**, disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki>, acesso em 17/07/2021.

PANELAS Oliveira de O perguntador. **Acervo origens sons que tocam o Brasil**, 2011, disponível em www.acervoorigens.com, acesso em 17/07/2021.

RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria nordestina: música e palavra** / Elba Braga Ramalho - São Paulo: Terceira Margem, 2000.

REPENTISTAS e familiares realizam tributo em homenagem a Otacílio Batista, **A união**, 2016, disponível em www.auniao.pb.gov.br, acesso em 17/07/2021.

SANTOS, Maria Elisalene Alves Dos. **Circularidade das vozes: a poética da cantoria de viola no Ceará**/ Maria Elisalene Dos Santos. -João Pessoa, 2020.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, Edmilson Ferreira dos. **Desafio no repente: a poética da cantoria na contemporaneidade.** / Edmilson Ferreira dos Santos-Teresina: Gráfica e Editora Halley, 2019.

SAUTCHUCK, João Miguel Manzollilo. **A poética do improviso: Prática e Habilidades no Repente Nordestino**. Tese de doutorado – Programa de pós-Graduação em antropologia Social. Editora: EDU-UNB, Brasília- DF. 2013.

SOBRAL, solar revela **história da Princesa do Norte**, escrito por redação, 00:00/05 de julho de 2015. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>. Acesso em 10/08/2021 as 16:13.

TAVARES, Braulio. **Arte e ciência da cantoria de viola: cantoria: regras e estilos**/Braulio Tavares- Recife: Bagaço, 2016.

TEIXEIRA, Serra, **Perfil Territorial**, IBGE, 2006, disponível em <http://sit.mda.gov.br>, acesso em, 07/07/2021.

THOMAZ, Rafael; SCARDUELLI, Fabio. (2017). **O Violão popular brasileiro: procurando possíveis definições. Per Musi**. Belo Horizonte: UFMG. p.1-18.

TORRES FILHO, Pedro. Poetas do repente. **YouTube**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NCRLFOWQHYk&t=487s>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2017.

VENTANIA Elizeu, vinte e dois anos na memória da poesia. **Jornal o Mossoroense**,2020, disponível em www.omossoroense.com.br, acesso em 17/07/2021.

VIOLAS BRASILEIRAS: circuito 2015/2016. – Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015, 56p.:il. 28,5cm. – (Sonora Brasil

FONTES ORAIS:

Nome: Antônio Aldeci Bessa de Assis

Idade: 36

Profissão: cantador

Data da entrevista: 22/02/2020

Nome: João Ferreira Barros

Idade: 79

Profissão: cantador

Data da entrevista: 01/06/2021

Nome: Francisco Antônio Ponte

Idade: 69

Profissão: cantador

Data da entrevista: 02/06/2021

Nome: Francisco Barbosa Sousa

Idade: 73

Profissão: cantador

Data da entrevista: 02/06/2021

Nome: Antônio Cavalcante Teixeira

Idade: 70

Profissão: cantador

Data da entrevista: 03/06/2021

Nome: João Batista Duarte

Idade: 80

Profissão: cantador

Data da entrevista: 03/06/2021

Nome: Edmilson Ferreira dos Santos

Idade: 48

Profissão: cantador

Data da entrevista: 02/08/2020

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS
REPENTISTAS DA CIDADE DE SOBRAL-CE**

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO

1) Nome:

2) Idade:

3) Naturalidade:

4) Endereço:

5) Profissão:

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS
REPENTISTAS DE SOBRAL-CE.**

**PARTE II – COMPREENDENDO O FAZER REPENTISTA A PARTIR
DA VISÃO DOS CANTADORES ENTREVISTADOS**

- 1) Como nasceu seu interesse pelo repente?
- 2) Quando começou sua trajetória na Cantoria, como era a cidade de Sobral?
- 3) O senhor tem alguma lembrança das músicas tocadas nos rádios locais?
- 4) O que o senhor ouvia?
- 5) O senhor conseguiu viver da cantoria?
- 6) Qual sua profissão?
- 7) Como foi o acesso do senhor ao seu instrumento? Onde comprou? Conhecia alguém em sobral ou região que fabricava esse tipo de viola?
- 8) Como o senhor via ou vê a presença de repentistas em Sobral e região?
- 9) Sobre os festivais de viola na região, o senhor participou de algum?
- 10) O que o senhor pensa sobre essa sua atividade de Cantoria?

APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos-lhe a participar do estudo intitulado: “**O REPENTE NA CIDADE DE SOBRAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS CANTADORES LOCAIS**”, que tem como objetivo geral: analisar os repentistas da cidade de Sobral-CE. Este estudo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de Licenciado em Música pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Você participará do processo de elaboração do estudo, deste modo, após a sua aceitação, será realizada a aplicação de um questionário. Saliento que estarei disponível para retirar as dúvidas que possam surgir, sempre que necessário em relação à pesquisa.

Informo, ainda, que você tem todo o direito de não participar da pesquisa, se assim o desejar, sem qualquer prejuízo. Mesmo tendo aceitado participar, se por qualquer motivo, durante o andamento da pesquisa, resolver desistir, tem toda a liberdade para retirar o seu consentimento, sem nenhum prejuízo. Este termo será feito em duas vias, na qual uma destas ficará com o participante e a outra com o pesquisador. Sua colaboração e participação poderão trazer benefícios para o desenvolvimento da Educação Musical e para futuras pesquisas acadêmicas sobre o tema abordado. Estarei disponível para qualquer outro esclarecimento, no endereço: Rua Eva 357, Apt 101- Coração de Jesus - Sobral-CE e através do Telefone: (88) 9 9837-8371 e e-mail: **almirpoeta21@gmail.com**.

Assinatura do Responsável pela Pesquisa

Consentimento pós-esclarecimento

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: _____/_____/_____

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: _____/_____/_____

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: _____/_____/_____

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: _____/_____/_____

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: _____/_____/_____

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: _____/_____/_____

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: _____/_____/_____

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DOS DEPENDENTES DE SOBRAL-CE

João Tobias

1) Como nasceu seu interesse pelo repente?

O meu interesse pelo repente nasceu ainda nas serras das matas ouvindo alguns cantadores que passavam lá no nosso sítio, onde eu fui criado e algumas cantorias e eu achava bonito, o modo ... eu de quando novo era muito decorista, passava, decorava tudo com muita facilidade, às vezes cantava e eu decorava, dois, três, quatro, cinco versos, aí fiquei interessado.

2) Quando começou sua trajetória na cantoria, como era a cidade de Sobral?

A cidade de Sobral era uma cidade já movimentada, a cidade de Sobral nunca foi muito “apologética” a nossa profissão, nós temos cidades que é mais infiltrada, ricos pobres, todas as classes, aqui, nós tinha as classes alguns da classe maior, por exemplo, o que gostava muito era José Nilson Ferreira Gomes, era médico, era oculista José Nilson Ferreira Gomes, e no rádio tinha alguns como o Guajacialdine, e também o Marcos da Cruz e o Tobias Alves, esses eram companheiros leiais convidava a gente para os programas deles e também nós cantadores, os da época comigo e outros mais começamos com programação ainda no começo da década de 60, 61, quando foi fundado a Tupinambá em 60, 61 já começou um programa e a rádio Iracema já saiu também, nos deu muito apoio e a rádio Educadora tivemos programas que hoje ainda existe o Antônio ponte em um que ele ficou acho que tá com 44 anos pra 45 fazendo este programa.

3) O senhor tem alguma lembrança das músicas tocadas nos rádios locais?

Ah! Naquela época tinha, nas rádios cantava Luiz Gonzaga, cantava o ... cantava vários daquela época, Nelson do acordeom, o Nelson Gonçalves, veio aqui, Waldick Soriano veio aqui, aê ar menina, veio muita gente aqui “nim” |Sobral trazendo shows e cantando a música né, ê ... muitos, muitos cant... e além distos eles tinham conhecimento, o Guajacialdine por exemplo, aqueles músicos sertanejos que cantavam, quando lançavam um disco mandavam pra ele porque ele botava no programa dele que era sertanejo, e divulgava, foi um divulgador de muitos cantores, Noca do acordeom esteve na minha casa, eu estava na rádio e ele conversando, eu digo, o maior sanfoneiro daqui mora vizinho a mim! É Geraldo Ferreira, num tem outro igual a ele, eu disse eu quero conhecer, eu disse - você vai pra casa? Vou, eu vou mais você, aí ele pegou um táxi vieram, aí foi pro Geraldo Ferreira e passaram muito tempo conversando, era grande também, Guarajá gostava muito dele.

4) O que o senhor ouvia?

Nessa época o que eu ouvia, eu, tive ... gostava de algumas músicas dos cantores, mas eu não cantava, nenhum cantador canta música dos cantores, o cantador no começo da profissão os cantadores cantavam versando feito na hora, maior parte dele feito na hora, alguns que decorava alguma coisa, e o que a gente cantava decorado era canções e romances, e era já cantava-se decorado que tinha que ser decorado mesmo né? Depois um dos maiores cancioneiros foi Elizeu Ventania começou se explanando nas canções e passou para muitos cantadores as canções hoje muitos deles cantam melhor canção do que mesmo improvisando, eu mesmo tenho muitas canções, as minha canções como cantador de violeiro, do pé da parede como eles chamavam foi para o mato os meus meninos foi fazer uma limpeza na estante botou todos os trabalhos que eu tinha no mato, hoje a maior parte das minhas canções das antiga eu só tenho uma e era do modo do cantador que não era crente neste tempo, aí depois sou evangélico tenho muitas, mas já modelo gospel, sistema gospel.

5) O senhor conseguiu viver de cantoria?

Consegui! Eu vivi de cantoria 20 anos.

6) Qual sua profissão?

Eu como bem , até os 18, fui lavrador vivendo da roça de tudo que tem na roça, caça , trabalho, plantio, tudo, caçador exímio ,e depois com 18 anos comecei as primeiras viagens, passei 18 anos viajando, é o cantador, nessa época viajava muito, parava pouco em casa, viajando de fazenda em fazenda, sítio em sítio, por isto palmeei todo solo cearense por serras, sertão e praias, Piauí , Paraíba e etc. Aê a cantoria, vivi esse tempo de cantoria, aí comecei na cantoria comprei umas máquinas fotográfica e passei a tirar fotografias, me ajudou muito na profissão de cantador que era uma que eu não queria deixar, ainda depois da profissão de ... de só tirando retrato me veio fazer a, chegou o retrato colorido e eu comecei fazer em fortaleza na aba filme aí tornei-me o maior cliente da aba filme, e pus um comércio, uma média empresa registrada pra material de fotografia, mas com o tempo apareceu uma máquina que revela chamada mini lab, a outra máquina era diferente não era todos que revelavam e a mini lábia facilitou muitos laboratórios pequenos fazer foto mesmo mais ruim do que a outra mas faziam e com isto os grandes comércios caíram e com os grandes comércio também caíram, aí depois passei só a consertar coisas fotográfica, máquina, fraxe, o que fosse de conserto em materiais fotográficos eu passei a fazer até que começou a tremer muito a mão aí a solda não ia mais pra o lugar certo foi o jeito deixar, aí foi o tempo que chegou o tempo e eu me aposentei alguns anos já tenho quase 80 e me aposentei com 65.

7) Como foi o acesso do senhor ao seu instrumento? Onde comprou? Conheciam alguém em Sobral ou região que fabricava esse tipo de viola?

Nesse tempo eu morava em Monsenhor Tabosa no sítio no município de Monsenhor Tabosa, eu não conhecia Sobral e não sabia se tinha comércio, tinha um fabricante de violão em Ipueiras, era só conhecido, mas eu comprei um violão vizinho, lá, eu tinha vontade até comprei de um amigo lá, ele me vendeu um violão caro, eu era adolescente ainda na era, quando papai eu cheguei com o violão em casa, papai perguntou onde comprou este violão? Comprei papai, por quanto? Por tanto, pois disse vamos lá que eu vou deixar e você vai entregar isso aqui, chegou lá ele tá aqui eu trouxe meu menino que ele comprou uma coisa sem me pedir eu num aprovei e vim entregar viu, ficou recebeu e ficou com raiva porque tinha vendido muito bem vendido, aí eu fiquei sempre triste porque papai notava que eu não tinha ficado triste por aquilo, aí um dia o pai foi lá e disse seu Tobias o João num ficou triste porque o senhor tomou o violão dele não? Ficou, mas é pra ele aprender né? Seu Tobias o senhor quer me dá tanto no violão, a metade do preço que eu tinha que eu tinha pago o papai comprou pela metade do preço, aí chegou com o violão tá aqui João o violão, aí eu disse oia o papai resolveu comprar, é eu comprei porque ele me vendeu por tanto (risos) aí eu achei barato comprei. Foi o primeiro aí possui muitas violas boas era o violão mesmo, até muito tempo esse meu aqui vou lhe mostrar é violão mesmo. Depois quando cheguei em Sobral lá na casa Samuel tinha o Giannini número 2 que é difícil eu procurei comprar um tempo passado pra ver se comprava mas encontrei fora dois mil reais cada um.

8) Como o senhor via ou vê a presença de repentistas em Sobral e região?

Hoje eu sei que o Antônio Pontes, e outro, estão vivendo, (agora tão parado) mas tão vivendo da cantoria, em modéstia parte, está melhor do que no meu tempo, sabe por quê? Naquele meu tempo a gente fazia cantoria em certas regiões, cantoria convidado com 200 pessoas, 300, 150, 300 ou mais e, até as vezes até com a lamparina a gás ou assim acendido em todos os cantos do ambiente, você as vezes cantorias campais você sentava ficava uma perda de gente com distância de 30 a 40 metros e você tinha que dá um grito, ter uma voz que todo mundo ouvisse, não era pra deixar ninguém, cantador que tinha pouca voz tinha menos sucesso, então você tinha aquele grito e era na lamparina. Hoje com a energia quase todos os cantadores como se você for uma cantoria do Antônio ponte hoje se ele lhe convidar pra você ir, ele está lá com duas caixas de sons, dois microfones, ou coisa assim, acende tudo no claro, você começa não precisa ... a voz do Antônio ponte era fraca ele fez uma cirurgia há muito tempo, hoje se ele for fazer uma cantoria sem aparelho microfone ninguém quer ouvir, que ele já tá nas últimas mas acompanhado, e o que acontece também é que as vezes a gente em cantorias grandes você

tinha que cantar a noite todinha porque o povo vinha de longe era pra voltar de pés ou de jumento ou de cavalo era difícil eles achava melhor passar a noite ouvindo cantoria pra voltar só quando clareasse. Hoje quando é meia noite uma hora, conforme a cantoria já tá todo mundo dispersando, vem gente de ... de primeiro vinha gente com uma légua, duas, três, hoje vem gente com cinco, dez, quinze léguas de moto de carro e chega e volta, meia noite já tão voltando porque é fácil e o cara até meia noite tem ganho o dinheiro e vai dormir.

9) Sobre os festivais de violas na região, o senhor participou de algum?

Particpei, participei fez um aqui mas era, era um showzinho só pra quatro violeiros ... sei que foi na rádio tupinambá, o Terilho Teixeira ainda era vivo foram os julgadores, o padre Palhano e não me lembro qual foi o outro, esse eu tive o primeiro lugar com o cantador Valderi que não era grande o cantador mas me acompanhou, eu estava no rol dos maiores da região, os três maiores da região era filho daqui das cacimbas município Cariré, José Thomaz de lima, e Zé Duda da paraíba que era paraibano veio do Rio morou muitos anos em Sobral e João Paulino de Medeiros que era também policial e eu fazendo o quarto era os nomes maiores cantadores da região aí tinham muitos outros, uns cantavam mais, outros menos, mas e faziam parte do elenco do rol dos cantadores.

10) O que o senhor pensa sobre essa sua atividade da cantoria?

Eu como disse troquei a profissão do comércio, foi muito, me rendeu muito, mas me deu mais dor de cabeça ... aí eu quero dizer que a minha melhor profissão mesmo foi a de cantador, nesse tempo eu era novo, era bonito, era bem visto, o povo tinha vontade de me conhecer, como tem vontade de conhecer o Roberto Carlos mermo na idade que ele tá, mas se ele visse sair um show aqui na praça todo mundo vai, acredito que vai né? Eu também como um dos grandes cantadores, ia o povo queria me conhecer tinha vontade de me conhecer e eram fãs e admiradores e às vezes pra viajar só precisava viagem passagem pra viajar, num precisa comprar nada, pra fotografia precisa comprar o filme a máquina, pagar a revelação tudo, a cantoria não, você vai com o dinheiro da passagem da ida como eu era conhecido se eu tivesse eu ia se eu não tivesse eu ia porque tinha os caminhões e onde chegava levava ia e pagava na volta, não tinha dificuldade, não precisava dinheiro, chegava se sentava à noite quando era de manhã tinha cantoria, tinha dinheiro, e eu digo que eu alcancei na região do Ceará as maiores cantorias, eu tenho um nome que me deu isso, não é, são todos cantadores que fazem cantoria grande, mas eu fiz as maiores cantorias.

Antônio Ponte

1) Como nasceu seu interesse pelo repente?

Bom, a minha família pela parte da minha mãe sempre foi entrosada com cantorias naquele tempo eu pivete, mas tinha os cantadores que passavam lá no nosso sertão de Irauçuba e aquilo sempre animava a gente, que eu não sabia, mas já era a poesia que estava em mim, aí viemos pra sobral e aqui a partir de 73 eu comecei ouvir programa de rádios e assistindo as cantorias aqui dos poetas e daí eu me tornei um amante da viola.

2) Quando começou sua trajetória na cantoria, como era a cidade de sobral?

Eu comecei em 74, 1974 depois de um bom inverno, e tinha aqui os poetas como eu falei cantando em programa de rádios, e nas cantorias e isto foi que me incentivou eu também querer acompanhá-los, mas Sobral neste tempo, Sobral não é uma cidade boa pra cantoria, nunca foi, o povo sobralense sempre é um pouco antipoético, mas a gente morava aqui devido ter as emissoras, a gente morava, residia em sobral e cantava na região, porque naquele tempo as emissoras de sobral entravam a 100km, 150km em arredor e por isso foi meu incentivo.

3) O senhor tem alguma lembrança das músicas tocadas nos rádios locais?

Bom eu me lembro, aqui tinha, tinham programas bons, programas musicais, aqui nós tinha, tivemos na rádio tupinambá o Guajaracialdine fazendo, fazendo o “varandão da fazenda” só com forró, forró solado, de muitos sanfoneiros bons e cantados como Luiz Gonzaga, Messias Holanda, é Coronel Ludgero, essa coisa assim naquele tempo né? E “o seu presente é música” foi um programa de maior audiência da rádio tupinambá apresentado por uma senhorita por nome de Valneide Araújo, então era um programa feito recebendo solicitações, solicitações pagas, as pessoas aniversaria, aniversariavam e mandavam as cartas pedindo as músicas exigidas por elas, e a programação era assim.

4) O que o senhor ouvia?

Naqueles tempos era o forró, o forró ao vivo principalmente, tinha uns programa com sanfoneiros ao vivo, e dentro do programa de sanfona aparecia duplas de violeiros, como Chico Barbosa, Raimundo Thomé, Zé Duda da Paraíba, Zé Pereira, Zé Thomaz e muitos outros.

5) O senhor conseguiu viver de cantoria?

Eu vivo dela até hoje, sou um profissional legítimo mesmo com o pouco incentivo que eu tenho aqui das autoridades, mas sempre eu fui um baluarte porque eu botei um programa no ar no dia 16 de novembro do 76, e ainda estou até hoje e este programa foi quem me sustentou até

agora, o programa *Violas e repentistas* das 16 às 17hs na rádio educadora do nordeste é o canal 950.

6) Qual sua profissão?

Eu vivi, eu tive outras profissões eu misturei, eu fui, eu trabalhei em farmácia 21 anos, aqui na farmácia Rodolfo e trabalhei em construções, na construção civil, eu trabalhei muito nisso, e assim estou vivendo.

7) Como foi o acesso do senhor ao seu instrumento? Onde comprou? Conhecia alguém em Sobral ou região que fabricava esse tipo de viola?

Não, quando a gente começa a gente se apegar a qualquer instrumento, violãozinho, eu me lembro que meu primeiro violão eu comprei lá na serra da Meruoca, violãozinho preto muito boca de louça, muito sem futuro, mas pra mim, naquela época já era uma grande coisa, aí eu mandei afinar como viola, que a gente tem este método de afinar trocar as posições da, das cordas do violão e botar como viola aí quebra um galho 80% ou mais, depois de uns quatro cinco anos foi que eu adquiri a primeira viola dinâmica eu fui em São Paulo e comprei uma viola dinâmica da delvechi.

8) Como o senhor via ou vê a presença de repentistas em Sobral e região?

Sobral já foi, já foi berço de 28 cantadores morando aqui, 28, mas devido como eu falei a falta de incentivo da secretaria de cultura, do município, até mesmo do comércio se você botar um programa no ar e for pedir uma propaganda se for dizer que é pra violero o dono já torce a cara por acolá, mesmo com a audiência que a gente tem, mas a gente sofre isso, então é o que acontece é que eu botei meu programa no ar pela confiança da minha amizade, né isso? É por isso que estou até hoje ininterruptamente.

9) Sobre os festivais de violas na região, o senhor participou de algum?

Muitos, participei de muitos, em Teresina, em Brasília, em Campina grande, Fortaleza, participei de festival até no estado de Pernambuco, em Bom Conselho, depois de Caruaru, eu participei de muitas coisas em todo Brasil, principalmente no Nordeste, em Sobral eu participei de vários promovidos por mim, e a gente participou juntamente as melhores duplas do Brasil eu já trouxe a Sobral, para participar conosco, aproximadamente, eu fiz vários festivais assim como fiz várias cantorias com Ivanildo Vila Nova, com Geraldo Amâncio, com Severino Ferreira, Sebastião Dias, com Benoni Conrado e muitos outros isso naquela época de 80, na época de 90 nessas mediações.

10) O que o senhor pensa sobre essa sua atividade da cantoria?

O que eu penso pra Sobral aonde eu moro? Que ela está muito pequena, repito a terceira vez, por falta de incentivo, aqui ninguém tem um incentivo pra fazer um festival, aqui ninguém tem

um incentivo pra trazer uma dupla de fora, duas dupla pra fazer um “pé de parede” aqui ninguém tem, então se eu tirar o meu programa do ar, estou com 45 anos, eu tenho certeza, sem nenhuma demagogia, a poesia se acaba, porque nunca mais surgiu um cantador novo em Sobral, o mais novo daqui sou eu e tenho, vou fazer 69 anos de idade.

Chico Barbosa

1) Como nasceu seu interesse pelo repente?

Eu nasci, na região que eu nasci passava muitos cantadores, naquela época tinha João Adriano, muitos cantadores! Lá aonde eu nasci na fazenda Espírito Santo, município de Monsenhor Tabosa, aí a minha mãe também era poetisa, ela escreveu diversas poesias, coisinha do sertão mesmo, aí eu acho que devido ela ser esse gênio poético eu acompanhei por ali também e vendo os cantadores cantando fui acompanhando por ali e escutando quando dei fé eu peguei uma viola e me meti na profissão, em 1962, mas aí eu vim fugir de casa mermo, meu pai não queria que eu cantasse em 1964 eu fugi de casa, cantar viola até hoje nunca deixei mais.

2) Quando começou sua trajetória na cantoria, como era a cidade de Sobral?

Cheguei em Sobral em 1966, nessa época tinha uns cantadores aqui, quando cheguei na estação que desci do trem botei a viola ali e fui comer um pedacinho de pato lá na, na merendeirazinha que tinha por lá, quando eu dei fé tinha um cabra agarrado com minha viola, fardado, um policial, pegou a viola aqui sentou-se começou a cantar, era um cantador que tinha aqui por nome Vicente Rufino, que era da polícia militar, cabo Rufino, aí entrei aqui pra dona Zezinha Romão que era aqui no mercado onde encostava os cantadores de manhã, aí tinha um programa na rádio educadora “terreiro da casa grande” naquela época apresentado pelo Tobias Alves, e aí eu fui me chegando com eles ali e fui me misturando e tal e fiquei aqui, até hoje.

3) O senhor tem alguma lembrança das músicas tocadas nos rádios locais?

Tinha aqueles programas Sertanejo, como “terreiro da casa grande”, “Alegria na fazenda”, “aboio sertanejo” aí tinha na rádio tupinambá o programa “varandão da fazenda” que era apresentado pelo Guarajacialdine era o mais ouvido e o “seu presente é música” também que era apresentado pela locutora Valneide Araújo, muito ouvido, o diretor era o Marcelo Palhano, padre Dr. José Palhano que era o proprietário da rádio tupinambá.

4) O que o senhor ouvia?

Aí música naquele tempo era com Luiz Gonzaga, Noca do Acordeom, tocava muitas músicas, eu ouvia, mas nunca me interessei assim com negócio de música não, acho bonito, ainda hoje eu gosto, mas nunca me meti a cantar, por exemplo tem ... tem ... tem cantores aí que eu gosto deles se eles perguntar, você é meu fã, mas num canta uma música minha? Nunca cantei, gosto como aquele ... Roberto Carlos, ninguém nunca abandona, aquele outro que também tá no auge ainda, que é ... como é o nome dele? Amado Batista, eu sou muito fã do Amado Batista, e muitos outros né? De música eu gosto de tudo.

5) O senhor conseguiu viver de cantoria?

Eu vivi de, de, de 64 praticamente até hoje, eu trabalhei em outras coisas né? Fui caminhoneiro e me aposentei em caminhão, em tronco dirigindo caminhão, dirigi ônibus aquele negócio, viajei como vendedor por aí, mas a viola a tiracolo todo tempo, eu criei meus menino que eu vim começar a trabalhar de empregado assim já de 79, 78 pra cá, antes eu criei meus meninozim que tudo já come com a boca deles hoje criei tudo cantando viola nas fazenda, passando fome, passando bucho cheio, passando tudo mas atravessei, minha profissão nos documentos mermo é violeiro.

6) Qual sua profissão?

A profissão que eu agarrei mermo é a viola.

7) Como foi o acesso do senhor ao seu instrumento? Onde comprou? Conhecia alguém em Sobral ou região que fabricava esse tipo de viola?

Não, Sobral nunca teve, eu a minha primeira viola eu comprei lá mermo na região que eu fui nascido, ali no município de Monsenhor Tabosa, tal e coisa comprei a primeira viola, violinha de oito corda a coisa mais ruim do mundo, e vim trocando hoje eu sou dono de uma das melhores violas da região, primeiro é o Antônio Ponte e a segunda é a minha né? Viola boa, graças a deus eu tenho, num vivo tocando nela não mais tá guardadinha em casa.

8) Como o senhor via ou vê a presença de repentistas em Sobral e região?

É, aqui sempre foi fraco, antigamente devido ter muitos cantadores exploraram sempre a região, faziam as cantorias né? Mas toda vida foi assim um povo da região não apoiam muito, quem tem condição de apoiar, tem as pessoas que gostam que não deixam de gostar, mas também era aquele povo mais, mais humilde mesmo né? Rapaz eu, eu penso oh, o cantador existe aquele negócio que diz, lâmpada de geladeira, isso assim assim é como lâmpada de geladeira, é clareia mas não esquenta e o cantador eu digo assim, o cantador esquenta mas não clareia, que ele tem tudo, diz tudo, tem potência, tem capacidade, tem tudo mas aí não brilha, pra muita gente né? Pra muita gente brilha mas tem gente que o cantador não clareia, como ele deveria ser visto, deveria ser bem apresentado.

9) Sobre os festivais de violas na região, o senhor participou de algum?

Todos que tiveram por aqui, que aqui em Sobral nunca teve um festival de viola, assim uma apresentaçãzinha com três, assim aquele negócio, cantoria, mas assim um festival mermo ... mas sempre eu participei de tudo né? Essas apresentações que teve como Ivanildo e Sebastião dias, Ivanildo e Raimundo Caetano, Moacir laurentino e Sebastião da Silva, cantaram todos por aqui, mas em cantoria assim, festival muito pouco, mas eu participei de festivais em Camocim em Tianguá em Fortaleza em Brasília, em Campina grande, todos eu participei por aí, Mossoró, no Rio Grande do Norte, Limoeiro do Norte, participei de muitos festivais, Camocim participei diversos.

10) O que o senhor pensa sobre essa sua atividade da cantoria?

Eu quero que a cantoria nunca se acabe, mas também num cresce mais não, aqui na região é a gente pelejando pra segurar, o Antônio ponte tem esse programa na rádio educadora que ele é o diretor dos programas violas e repentis, a rádio educadora sempre dá uma cobertura, de um certo tempo pra cá a prefeitura e a casa da cultura também dá um incentivozim pra ajudar por ali, mas as autoridades não têm vontade que cresça não, a gente segura assim, como o Antônio ponte tem segurado este programa dele, mas se fosse esperar pelo povo, ele é porque dá certo, tem os patrocinadores dele que seguram por ali, mas se soltar é como ele diz se soltar não pega mais. Eu faço porque gosto, enquanto eu puder falar, e de fazer um repentezim eu num deixo de fazer não, que seja bom que seja fraco, mas eu seguro a viola.

Antônio Teixeira

1) Como nasceu seu interesse pelo repente?

Como nasceu? Rapaz ... é, eu de menino logo, eu comecei a ouvir uns pessoal que morava vizinho a nós, cantores eles cantavam romances né, mas faziam verso, engraçados, sabe? Outro dia eu tava imaginando que se eles tivessem cantado mermo na televisão tinha dado bom demais, mas eles nem ligavam só faziam verso, mas bom, pois bem, aí eu interessei eu digo rapaz sabe ... depois comecei a ver outros cantadores e aí comecei a tocar foi violão, comecei tocar violão pro povo dançar, num podia ver um violão, era doido por um violão, o povo não queria dar e eu não podia comprar um bom, aí comprei uma cabaça depois quebrei a cabaça e fiz um violãozinho de cuia, e tocava e até dava uns toques também como diz o outro e aí fui vendo cantador aí e experimentei a cantar aí me lembrei dos homi quando eu era mais, isso é coisa de seis anos, seis, sete anos por aí, aí rapaz comecei aos meus 13 anos mais ou menos, aí o parente do meu pai me deu um violãozinho véi lá, e eu comecei até cantar mermo, ruim

demais, mas aí comecei a cantar umas coisinha e via os cantador cantando, e já tava era querendo cantar nosso cantador mesmo, aí ingressei mesmo cantando ruim, mesmo, mas isso é como médico ninguém aprende né? Cê passa cem ano e inda num sabe de nada né? Pois bem, aí cantando fiz da arte da profissão mesmo da arte foi, de quinze ano pra cá.

2) Quando começou sua trajetória na cantoria, como era a cidade de sobral?

Aqui em sobral? Rapaz a cidade de Sobral eu cheguei aqui vindo mesmo morar por aqui, uns 69 viu, aí tivemos aqui sobral foi, o cantador primeiro que encontrei foi o sargento Airton que nós chama é de sargento sem eu mas ... sabe? Nosso encontro primeiro foi em Itapagé pelo 65 mais ou menos, mas em 69 foi que eu vim mesmo a Sobral né? Aí vim por aqui coisa e tal, e a cidade de Sobral realmente cresceu muito, não era assim né, desenvolveu a popularidade né? Era ... rapaz quando eu cheguei aqui em Sobral há uns quatro, cinco anos que eu tava aqui tinha, nós éramos 18 violeiro, pois bem, aí após passado o tempo, aí tinha cantoria aqui em Sobral muita cantoria, em Sobral mesmo, mas a gente cantava muito fora é claro que tinha mais cantoria, muita cantoria mesmo, a gente vivia da cantoria da arte mesmo a gente é profissional mesmo que samos, eu e mais um bocado de violeiro.

3) O senhor tem alguma lembrança das músicas tocadas nos rádios locais?

Rapaz, tocava muito as músicas de Waldick Soriano, na época era Waldick sabe? Waldick Soriano, era ... até Roberto ... Teixerinha, Roberto Carlos, Roberto começou também, Nelson Gonçalves, é, aquele Orlando Dias também, e ... aquele, como é um moreno que tinha também? O Agnaldo Timóteo que agora faleceu.

4) O que o senhor ouvia?

Ouvia as música do Waldick Soriano, de Roberto Carlos e esses cantores que falei tudinho.

5) O senhor conseguiu viver de cantoria?

Eu? Consegui viver ... rapaz cantoria realmente a pessoa se disser que num gosta que num gostou de cantoria é louco ... tem momentos que a gente as vez como é canta, vive cantando que a cantoria dá uma, as vez dá um azarzinho né, viu que dá, é eu vou deixar esse ramo véi, isso aí num vale nada, aí no outro dia o sujeito tá cantando de novo, não adianta se dizer que se vai deixar de cantar e até hoje só digo que deixo de canta só quando a boca me calar mermo, depois quando morrer ... assim a cantoria realmente foi muito, pra mim, pra mim foi muito sagrada, nuns pontos né? A gente num pode dizer que ... graças a Deus vivei bem, vivei bem em cantoria mesmo a profissão minha foi essa de cantoria, primeira mesma.

6) Qual sua profissão?

Cantador!

7) Como foi o acesso do senhor ao seu instrumento? Onde comprou? Conhecia alguém em Sobral ou região que fabricava esse tipo de viola?

Rapaz o meu primeiro instrumento foi comprado em Canindé, na casa campos, uma viola muito ruim demais, mas ... mas ela foi nova, tinha aquelas boquinhas, mas quem comprou ela ... era ruim, meu pai foi quem comprou, pra ele tinha, ele num sabia tocar né, eu achei bom porque era uma viola de toco, o povo ficou animado demais, eu tinha uma violinha que não valia de nada e aí é rapaz essa violinha é boa demais ele dizia né (risos) mas de fato me serviu um bocado de tempo.

8) Como o senhor via ou vê a presença de repentistas em Sobral e região?

Rapaz hoje eu vejo a presença de alguns repentistas o povo até vivendo bem, uns violeiros, cantando bonzinho também né? Tem Fortaleza, tinha muito cantador e hoje ainda tem né? E quase todas cidades, daqui, como bem na minha cidade Irauçuba tem um bocado de violeiro, muito mermo um bocado, aqui de Sobral tem Chico Barbosa, Antônio Teixeira, Antônio Ponte e João Batista, João Batista ainda se mete.

9) Sobre os festivais de violas na região, o senhor participou de algum?

Rapaz, os festivaizinhos que houveram aqui não foram nem muitos festival mermo, aqui em Sobral é a única cidade que quase não tem festival mesmo, bem “esplendido” festival que devia ter né, quando a gente ... tinha muitos violeiros, tem cantoria sim, apresentação, mas festival mesmo ... festival mesmo que nós íamos daqui era de Camocim mês de maio todo ano tinha, Itapipoca, na minha cidade Irauçuba, Fortaleza também tem muito festival.

10) O que o senhor pensa sobre essa sua atividade da cantoria?

Rapaz eu acho bom ... eu acho é bom cantar um divirtimentozim sabe? Mesmo agora parado é meio ruim mas a gente ainda assiste muito violeiros pelo celulares, violeiros bons, dois eu assisto muito aí, Deus quando para isso aí a gente vai cantar, se não parar a gente vai cantar.

João Batista

1) Como nasceu seu interesse pelo repente?

Rapaz esse meu interesse pelo repente eu saí daqui de Sobral no ano de 58, direto pro Maranhão, num conhecia nada nem documento ninguém tinha, naquela época era atestado de conduta, cheguei no Maranhão pra trabalhar mermo que num sabia, nem trabalhar eu não sabia (risos) peguei as piores coisas do mundo trabalhando, e um dia já muito, trabaiava, passei quinze ano sem dar notícia a meu pessoal aqui eles pensaram que eu tinha morrido eu num podia era vir né, o dinheiro num dava pá vir, aí cheguei em Palmeiral na cidade de

Palmeiral, Gente matuta que no interior não tinha instrução pra nada a zoadá era um cantador e é conterrâneo da gente ele fazendo propaganda na praça vendendo folheto, Patativa, Manoel Albino Patativa ele era de Quixadá viu? E a mulher dele também era poetisa e aí conversando e tal, chegou certo que a mulher era da minha família aqui do Ceará era daqui do Monsenhor Tabosa viu? E aí me convidou pra ficar com ele, passei ficar com ele, ele ele era bom cantador e ali eu comecei, meu jovem, já tinha aquela paixão pela viola, aí entrei na poesia graças a deus e até hoje graças a deus muito feliz viu?

2) Quando começou sua trajetória na cantoria, como era a cidade de Sobral?

Ah quando eu saí daqui Sobral era muito pequena, era menor muito que era 58 né, já era, era ... nesse tempo a poesia era boa, poesia nessa época de 58 era a diversão que tinha no sertão e em todo canto, nem rádio num tinha, era difícil a pessoa possuir um rádio, viu? Num tinha aquele o telesparque, os glub ... era difícil quando tinha um rádio numa fazenda, de noite em quantidade era muita gente pra ir pra assistir aquilo ali viu? Era cantoria mermo o cabra cantava começava sete ou oito hora da noite e ia até no outro dia, bem cedo, eu cansei de chegar e cantar até sete oito hora do dia a noite todinha era, num tinha canção num tinha essas coisas era romance, e outras coisas de poesia, era muito bom, hoje é que o negócio é diferente viu? Nesse tempo, os cantadores hoje ficaram com perfeição, naquele tempo o que fizesse era bom.

3) O senhor tem alguma lembrança das músicas tocadas nos rádios locais?

Não, naquela época era a época do “varandão da fazenda” era, só música sertaneja mermo, era o pé de serra, era o xote da Carolina né? Os forró né? Essas coisa, Zé Marcolino, aqueles forrozão doido pisa pilão e aquele negócio.

4) O que o senhor ouvia?

Eu ... ah, eu toda vida fui apaixonado por música, forró, qualquer música viu? Toda vida!

5) O senhor conseguiu viver de cantoria?

A minha vida toda, eu vivi de cantoria.

6) Qual sua profissão?

É a viola mermo!

7) Como foi o acesso do senhor ao seu instrumento? Onde comprou? Conhecia alguém em Sobral ou região que fabricava esse tipo de viola?

Não aqui nesse tempo a viola, viola já existia, viola ninguém sabe, que essa viola ela nasceu em Portugal, primeira viola do mundo cê sabe quem fez? Foi feito coxo, pau na mata de Portugal lá tinha um pau quando bate, batia ela se desse som dava som, viu? Lá fazia a viola,

a viola de coxo, e as cordas da viola você sabe de que era? Tripa de pescada, ali eles fazia aquele violão ali daí foi aperfeiçoando.

8) Como o senhor via ou vê a presença de repentistas em Sobral e região?

Aqui é bom demais, aqui teve um dos maiores cantadores aqui viu? Naquela época cantador, aqui teve aqui os cantadores aqui mais antigo, João Paulino de Medeiros, Zé Pereira de Lima, os mais antigos né, Luiz Eufrásio de Sousa, João Saldanha, João Saldanha era um Paraibano.

9) Sobre os festivais de violas na região, o senhor participou de algum?

Muito, participei de muitos festivais aqui em Teresina, São Luiz do Maranhão viu? Em Imperatriz, tudo festival, em Sobral teve muitos todos que tivemos participamos.

10) O que o senhor pensa sobre essa sua atividade da cantoria?

Muito bom demais, pra mim Ave Maria, pra mim e pra todos cantadores, só que caiu demais uns 90 e pouco por cento e com essa pandemia que entrou essa que lascou mermo, cantador num tem mais aquilo o mermo ... que sabe o cantador é um homem que vive da viola mermo é, eu sou muito feliz graça a deus que as coisas que nós temos nós ganhamo com a viola mermo, trabalhando eu cheguei aqui com a base de sessenta e pouco e bem daí dessa casa até ali foi meu, comprei aqui à custa da viola, viajando comprei isso aí por mil e duzentos réis desse homi dessa casa bem aí, fez a primeira casa ali sofrendo, mas a poesia é sagrada viu? Deus abençoa viu? Pois é e aí num tenho o que reclamar da poesia.